

tempo e presença

publicação mensal do CEDI
número 188
novembro/dezembro de 1983

NÃO PASSARÃO!



Este selo representa o nosso
protesto contra a intervenção
militar na Nicarágua

NATAL SINAIS DE ESPERANÇA

O papel das Igrejas como espaço de resistência, de mobilização e de sustentação do povo, a partir das exigências do Evangelho.



As diferentes expressões de luta popular, historicamente, atravessam continentes. No Brasil elas passam em cheio pela experiência eclesial/religiosa de seu povo pobre e cristão. A revista Tempo e Presença relata e analisa essas lutas dentro da perspectiva mundo/igreja.

A REVISTA TEMPO E PRESENÇA É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO CEDI

Trabalho e ação pastoral: experiências e discussões nos Cadernos do CEDI.



PUBLICAÇÃO
NÃO PERIÓDICA



AS LUTAS POPULARES: TODA SEMANA

Aconteceu



1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

1985: ANO DE LUTA E DE ESPERANÇA

Publicação semanal mimeografada com fatos destacados da imprensa diária e outras fontes. É dedicada ao acompanhamento das lutas levadas por diversos setores populares. Ideal para quem não tem acesso a jornais diários.

tempo e presença

publicação mensal do CEDI
número 188
novembro/dezembro de 1983

Ágape Editora Ltda.

Diretor
Domício P. de Matos

Conselho Editorial
Elter Dias Maciel
Rubem Alves
Jether Pereira Ramalho
Heloísa Martins
Luiz Roncari

Composição
Prensa
Rua Cte. Vergueiro da Cruz, 26
Tel. 280-8507

Fotolito e Impressão
Clip — Rua do Senado, 200
Tel. 252-4610

Pedidos em cheques para
Ágape Editora Ltda.
Caixa Postal 16082
22221 — Rio de Janeiro — RJ

CEDI
Centro Ecumênico
de Documentação e Informação

Rua Cosme Velho, 98 Fundos
Telefone 205-5197
22241 — Rio de Janeiro — RJ

Av. Higienópolis, 983
Telefone 66-7273
01238 — São Paulo — SP

Editor Geral
Elter Dias Maciel

Editores
Carlos Cunha
Luís Roncari

Copy Desk
Carlos Cunha

Revisão
Márcia Pimentel

Programação Visual
Anita Slade
Martha Braga

Produção Gráfica
Roberto Dalmaso

Assinaturas e Expedição
Valéria Carrera Roura
Vanderlei da Silva Gianoti

Foto da Capa
Lourdes Maria Grzybowski

Você não encontrará nossas publicações em bancas de jornais ou livrarias.
Faça pedido pelo correio no cupom anexo.

Ao nos aproximarmos do final de 1983 constatamos que este foi um ano pródigo de acontecimentos marcantes para o futuro da humanidade. Ao lado de eventos espetaculares e assustadores que pareciam indicar que caminhamos de fato para o holocausto final destacam-se outros, nem sempre tão espetaculares que, entretanto, firmaram-se como sinais promissores de esperança revelando horizontes novos e possibilidades reais para superarmos a crise geral em que mergulhou o mundo.

Despretenciosamente, mas com a firmeza daqueles que acreditam nas potencialidades criativas do homem por causa de sua vocação divina, Tempo e Presença procurou retratar em suas páginas tanto os atos tresloucados dos poderosos servos da antívida, como assinalar e destacar os sinais concretos de esperança, garantidores da vida que, como ecos do Evangelho, se espalharam pelo mundo nas mais diferentes formas de resistência às políticas de opressão e morte impostas aos pobres, dois terços da humanidade, pelos "principados e potestades deste mundo..."

Do flagelo da corrida armamentista ao fascínio gerado pela filmagem da vida de Gandhi; das lutas e resistências dos trabalhadores brasileiros às tentativas sistemáticas do imperialismo norte-americano em

destruir as esperanças e sonhos das nações centro-americanas como Nicarágua, El Salvador e Guatemala; da luta das Comunidades Eclesiais de Base em seu esforço por manifestar concretamente o Evangelho no injusto e opressivo contexto brasileiro às, muitas vezes ambíguas, manifestações das máximas autoridades eclesiais; e muitos outros temas e notícias foram tratados procurando contra-informar e reforçar a caminhada de todos os que lutam e resistem em favor da vida.

Expressamos aqui nossa gratidão a todos que, no Brasil e no exterior, tornaram possível esta tarefa e que muito nos ajudaram com suas críticas e seus estímulos.

Neste número, que é o último do ano, nos juntamos a todos os que procuram resgatar e reverenciar a luta — em tudo igual à nossa — de Martinho Lutero nas comemorações de seu quinto centenário de nascimento.

Por séculos Lutero foi visto e estudado apenas em termos de sua rebelião religiosa. Suas idéias e suas atitudes foram estudadas e combatidas ou apoiadas apenas no nível das questões teológico-doutrinárias separadas de todo o contexto sócio-político, cultural e histórico no qual se moveu. Mas Lutero jamais teria aceito isto. Sua visão do

Evangelho o fez um homem do mundo, e não apenas um reitor de templos. Como um dos textos que ora publicamos nos revela, para ele, dentre outras coisas, o uso indiscriminado do dinheiro como mercadoria, cobrança de juros segundo os interesses do emprestador se constituía numa questão teológica vital. Hoje se recupera pouco a pouco o verdadeiro sentido da Reforma, um movimento que nasce das lutas da época pela construção de uma nova sociedade. Relacionar Evangelho e Vida, Fé e Política foi o tema fundante desse movimento.

E Lutero, como Francisco de Assis e outros que o precederam, e outros que lhe foram contemporâneo, foi um homem constrangido (como dizia S. Paulo) pelo exemplo de Cristo.

Nestes tempos tão cheios de interrogações quanto ao futuro, tão dilacerados nas porfias pelo poder, o exemplo de Cristo — imagem viva do antipoder e da necessidade de transformação permanente das relações do homem com seus semelhantes em todos os níveis; do Enviado de Deus, que assume a carne e o sangue dos homens (Natal) para que estes assumam a vida — fica para nós, mais uma vez, como um desafio para o prosseguimento da luta que fez a vida ressurgir, em que pesem os poderes da morte.

SUMÁRIO

- 4 SINAIS DE ESPERANÇA
E DE JUSTIÇA
Jether Pereira Ramalho

- 8 NATAL NAS CEBs
Henrique Pereira Jr

- 10 SOBRE BRUXAS E FADAS
Lutero, contador de estórias
Rubem Alves

- 12 ESTARÁ O
MOVIMENTO PENTECOSTAL
AINDA EM MARCHA?
James A. Forbes Jr

- 17 OS 500 ANOS DO
NASCIMENTO DE LUTERO
Walter Altmann

- 19 NICARÁGUA, NICARÁGUA!
Segunda parte
Carlos Rodrigues Brandão

- 21 Bíblia Hoje
FAMINTOS FARTOS, RICOS VAZIOS:
DUAS PARÁBOLAS NATALINAS
Carlos Cunha

- 23 Documento
CARTA DE BUENOS AIRES

Encarte
DEUS versus CAPITALISMO:
TERIA LUTERO APRECIADO MARX?
Per Frostin

Erratas do nº 186 de Tempo e Presença

- No editorial, último parágrafo, onde se lê "Alan", leia-se "Alceu".
- Na página 27, o nome correto do artigo é "Abóbora... e Sementes" e seu autor é João Carlos Oliveri.
- Na página 29, o artigo "JOC e o Terceiro Congresso Nacional de Jovens Trabalhadores", não é de João Carlos Oliveri, mas um manifesto produzido no Congresso.

SINAIS DE ESPERANÇA E DE JUSTIÇA

Jether Pereira Ramalho

*Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que
ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste
aos pequeninos.
(Mateus 11.25).*

Um dos acontecimentos mais significativos das últimas décadas é o surgimento e o amadurecimento cada vez maior da consciência política dos setores populares. Em todos os países do mundo, os pobres vêm tomando consciência de seus direitos e do papel que podem desempenhar como protagonistas principais na construção de uma nova sociedade.

Já se foi o tempo em que o povo aceitava passivamente, como se fosse uma coisa natural ou determinada por forças transcendentais, a situação de miséria e opressão em que se encontrava. Estamos, sem dúvida, vivendo um novo momento histórico.

Todas as forças da sociedade estão sendo chamadas a se definir em face da nova situação. Como em todos os processos sociais profundos, não há lugar para os simples espectadores. De uma forma ou de outra, todos são participantes do momento histórico atual.

O aparecimento de tantos regimes militares e totalitários durante as últimas décadas, especialmente nos países do Terceiro Mundo, é um dos sinais de reação aos movimentos populares emergentes. Esses regimes não sobreviverão, em face do despertar dos oprimidos.

Construídos sobre a violência e a manutenção de sistemas de exploração, os regimes autoritários sabem que sua situação é insustentável. Os setores populares cumprirão seu papel de atores principais no novo projeto histórico que surge. Não é por coincidência que as formas autoritárias de opressão pelo Estado são atualmente encontradas, com maior frequência, em países onde a maioria da população é formada de jovens e de pobres.

A Igreja, como componente importante dessa estrutura social, também está sendo chamada a tomar posição. Desde suas origens, ela sempre teve participação nos grandes momentos de crise social. Às vezes, colaborou para melhorar as condições de vida. Outras vezes — é forçoso reco-

nhecer — tomou decisões erradas, em favor dos opressores. Também é de justiça reconhecer que é impossível fazer generalizações sobre a Igreja, como se ela sempre se comportasse de forma monolítica. Em seu seio sempre houve os que, nos momentos de equívoco, conseguiram colocar-se corajosamente ao lado da justiça e dos oprimidos.

Na situação atual — quando os pobres e oprimidos protestam com mais veemência, organizam suas forças, tomam consciência do seu estado de exploração e do seu direito de participar do poder em todos os níveis — a Igreja está sendo insistentemente desafiada a envolver-se profundamente com o povo, oferecendo-lhe os seus serviços e a sua solidariedade. Isso certamente significa sacrifícios e riscos, que são os sinais de fidelidade à sua missão. A Igreja não pode ficar surda e muda aos sinais dos tempos. Ela deve ser sensível ao chamado do próprio Deus, Senhor da história, criador e protetor do povo. Deus está desafiando a Igreja de hoje, através da Bíblia e da luta dos oprimidos pela justiça, para assumir a causa dos pobres.

Nestes tempos tão cheios de desafios, quando as mudanças às vezes ocorrem de forma súbita e inesperada e a paciência dos pobres dá sinais de estar chegando ao fim, as decisões não podem ser adiadas indefinidamente sob diferentes pretextos. Do contrário, há o risco de se perder o sentido da história e de se ocupar um lugar errado, por omissão e ambigüidade. Uma constante da história do povo de Deus é a capacidade de assumir riscos, a coragem de seguir rumo ao desconhecido, graças à fé e à confiança no futuro, mesmo quando não claramente delineado.

Felizmente a Igreja, em muitas partes do mundo, está assumindo os riscos de se transformar na Igreja dos pobres e de aceitar com alegria esses sinais de renovação.

É sempre assim. Quando a Igreja se instala confortavelmente dentro do contexto social, quando dá prioridade à sua institucionalização; quando se torna exclusivamente preocupada com suas próprias estruturas, quando aceita



sua educação teológica como final e sua interpretação da Bíblia como definitiva; quando isso tudo acontece, o sopro do Espírito Santo chega irreversivelmente para sacudir a Igreja de sua letargia e questionar suas posições estabelecidas. Esse sopro parece estar atuando hoje em dia com intensidade, através dos clamores e exigências dos pobres. Quando a Igreja aceita esses desafios, ela se conscientiza dos sinais evidentes de um novo Pentecostes.

De muitas partes do mundo chegam boas notícias sobre o envolvimento de setores da Igreja na luta dos povos. São promissores sinais de esperança, indicando que o povo de Deus, fiel ao Evangelho, aceita uma vez mais os desafios dos tempos.

Esses sinais de esperança aparecem nas lutas do dia a dia. Substituem as boas intenções e as meras formulações teóricas, sejam elas teológicas, éticas ou sociais. Só é possível anunciar um Cristo identificado com os pobres através da prática da solidariedade com os pobres. Isso exige renúncia, humildade, ações e posições claras.

Nessa luta pela justiça, a Igreja está aprendendo que, a fim de entender plenamente a maravilhosa radicalidade que emana da libertação trazida por Cristo, ela precisa mudar sua perspectiva de interpretação da realidade social, muitas vezes alterando sua posição e com frequência tendo a coragem de ver o desafio do momento histórico através dos olhos dos pobres. Isso sem dúvida levará a uma profunda renovação da Igreja. Durante séculos, ela aceitou como certa, consciente ou inconscientemente, a visão dos opressores a respeito do mundo e de suas mudanças sociais. Hoje, é convidada a assumir o risco de olhar o mundo por um ângulo diferente.

Por esse ângulo, do ponto de vista do oprimido, a participação do povo, em todos os níveis da Igreja, é um resultado natural dessa renovação. Os pobres são os portadores privilegiados da mensagem libertadora de Cristo, e através deles, todos os seres humanos podem ser atingidos. Isso

não implica que a mensagem da salvação seja exclusiva, mas que devemos ser receptivos e abertos para perceber onde Deus fala mais alto em nossas vidas.

Os pobres estão começando a sentir que são realmente a Igreja. Em muitos lugares, a Igreja está começando a se parecer com os seus lares, sem pompa ou formalidades, onde a participação total é considerada uma coisa natural. Esta nova maneira de ser da Igreja apaga a impressão comum de que o povo apenas visita as igrejas para ouvir os que conhecem a verdade e fazem a concessão de passar algumas horas com eles.

Não se trata aqui de um movimento de oposição à Igreja. É um esforço para renovar compromissos e estruturas que foram esquecidas e se enrijeceram. É também um convite à reflexão, uma profunda fonte de inspiração, um chamado à identificação com os pobres, motivado pela fé. É a busca de novas estruturas de comunhão, em que a participação dos mais fracos ocupa o papel preponderante que lhe é devido. É a descoberta de um Deus vivo na humanidade que sofre. É o reconhecimento de que a Igreja muitas vezes legítima e se beneficia com as estruturas sociais iníquas que esmagam a pessoa humana.

A emergência de uma nova forma de Igreja, fortemente apoiada no Evangelho e nos pobres, não implica a existência de uma fórmula acabada, que seja ingenuamente perfeita, sem falhas ou ambigüidades. A Igreja está sempre num constante processo de renovação. Essa Igreja dos pobres é o grande sinal da renovação em nossos dias. Não é que um novo Deus esteja sendo descoberto, embora ele sempre possa revelar-se sob novas formas. O próprio Deus conhece o tempo e o momento propício; cabe a nós sermos sensíveis e humildemente abertos ao seu chamado.

Outro indicador de renovação está na força que a Palavra de Deus está assumindo nessa maneira de ser da Igreja. Os pobres e humildes agora vêem o Evangelho como seu próprio livro. Podem entender a sua mensagem e ser por ela

inspirados. Agora aproximam-se de seus ensinamentos sem medo, sem complexos de inferioridade, sem temor, tornando portanto desnecessárias certas intermediações.

Em muitos lugares, os pobres estão descobrindo a Bíblia. Em sua simplicidade, eles estão abertos ao que o texto inspira e comunica. Certamente, isso às vezes questiona a exegese bíblica resultante de uma disciplina acadêmica, isolada da realidade dos pobres. Mas quem pode duvidar de que uma leitura da Bíblia como essa possa constituir uma nova forma para que Deus manifeste sua presença e sua vontade?

Dentro dessa Igreja que se está renovando, a Bíblia está sendo diretamente relacionada com a dura realidade da vida do povo, enriquecida pelos profundos laços fraternais dentro da comunidade dos pobres, e inspirada pela força do próprio Evangelho. O novo elemento que deve ser sublinhado é o “lugar” de onde a Bíblia é lida. É numa nova situação de escravidão que a Bíblia está falando, dentro de uma luta intensa, onde não há mais uma dicotomia entre fé e vida diária. A leitura da Bíblia deve inspirar a peregrinação do povo aqui e agora, alimentando a fé. Carlos Mesters, que vive essa experiência no Brasil, escreve: “O povo explica a Bíblia por uma nova perspectiva, que emana da escravidão em que vive e das lutas que sustenta. Em sua interpretação, a Bíblia mudou de lugar e está agora do lado dos oprimidos. Não somos capazes de olhar a Bíblia com o mesmo sentimento de alegria, gratidão e admiração, com o mesmo frescor e a mesma entrega com que o povo a lê. A Bíblia resulta de uma peregrinação de libertação”(1).

Nas ricas experiências dessa Igreja dos pobres, o “lugar” de onde o texto é lido e interpretado é fundamental. Os lavradores lêem o Evangelho em condições de vida quase desesperadoras, num mundo subdesenvolvido, miserável e sofrido. Os operários o lêem a partir das fábricas opressoras, das lutas sindicais, da fome. Os índios o lêem a partir

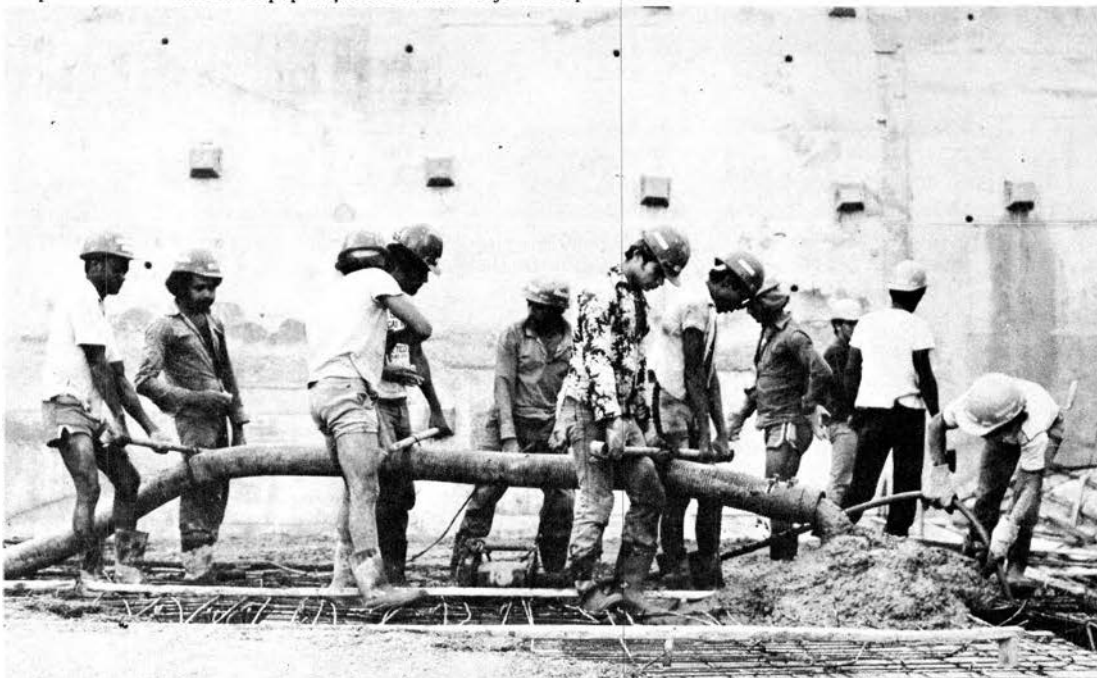
da discriminação que sofrem em todos os níveis da existência, numa luta diária pela sobrevivência. As mulheres o lêem a partir do seu sofrimento diário na busca de alimento para seus filhos e de suas precárias condições habitacionais. Os negros, em alguns países, lêem-no a partir da violência e da discriminação que sofrem. Todos o lêem com a firme esperança de que as coisas mudarão, quando as estruturas perversas de dominação e exploração forem eliminadas. É aí que a mensagem do Evangelho se renova uma vez mais. Sua riqueza parece ilimitada. O Espírito Santo está revelando coisas novas aos humildes e aos pequenos, coisas que estão ocultas aos grandes e aos sábios.

Isso não significa que se deva minimizar a importância da contribuição do exegeta científico na interpretação da Bíblia. Mas nessa situação de sofrimento e opressão, não basta saber como o texto apareceu e qual era o seu significado original. É imperativo sentir sua força no aqui e agora. O Espírito Santo está fazendo isso e comunicando sua mensagem ao povo. É indispensável chegar à raiz do texto, mas o povo também está querendo o fruto dessa árvore. A Bíblia deixa de ser apenas um instrumento de consolação ou o anúncio de um novo reino, que há de vir após a morte. Torna-se um instrumento dinâmico de luta, uma mensagem que fala de perto à realidade concreta da vida quotidiana. O livro que era antigamente considerado tão difícil, compreendido apenas por alguns privilegiados, e que tratava de coisas distantes e abstratas — esse livro tornou-se contemporâneo e concreto. O povo toma a Bíblia com amor e simplicidade. Ele enriqueceu a sua interpretação através da perspectiva dos pobres e oprimidos. Os exemplos do impacto e da força dessa leitura do Evangelho são numerosos e profundamente comoventes.

Essa renovação também afetou a teologia. Na nova maneira de ser da Igreja, os teólogos estão sendo chamados a ter uma ligação concreta com a Igreja do povo. Sem um comprometimento real, é quase impossível fazer uma teologia relevante para essa peregrinação da Igreja. O Evangelho

(1) Carlos Mesters, “A brisa leve, uma nova leitura da Bíblia”, SEDOC, Vol. 11, Nº 118, Petrópolis, Ed. Vozes, jan. e fev., 1979.

Não é por coincidência que as formas autoritárias de opressão são encontradas em países onde a maioria da população é formada de jovens e pobres.



deve ser sentido do ponto de vista dos pobres. O teólogo deve ter uma real identificação com a dura realidade em que o povo vive. É preciso entender que a religião do povo não é um sub-produto da religião dos grupos dominantes. Para as pessoas simples, a religião é um componente importante de suas vidas. É a entrada principal para a sua consciência. Está profundamente enraizada em sua visão de mundo. É necessário ter sensibilidade e humildade para entender as formas culturais comuns em que a religião é vivida. Elas não são formas de religiosidade de segunda classe nem manifestações degeneradas de uma forma pura e erudita de religião. Essa compreensão também é importante para as práticas litúrgicas. Uma liturgia que vá contra a maneira usual pela qual o povo vive e celebra a sua fé não pode ser imposta.

Outro sinal de esperança é o início do rompimento das barreiras que as igrejas cristãs criaram entre elas e o povo. As várias correntes do cristianismo tornaram-se paredes de separação entre os seres humanos. Os esforços ecumênicos, nos últimos anos, têm contribuído muito para diminuir as tensões e abrir janelas nessas paredes. As experiências de uma Igreja solidária com os pobres estão concretizando esses esforços. Essa Igreja está vivendo um ecumenismo não planejado. É um ecumenismo alicerçado nas lutas do pobres e fortalecido pela convergência de esforços e as opções comuns de pessoas e grupos, que mais uma vez se engajam com a Igreja na solidariedade aos pobres e oprimidos. Todos se juntam, como participantes naturais, em lutas de libertação e na construção de uma sociedade nova e mais justa.

O ecumenismo, ao nível do povo, é consolidado quando se baseia em seus problemas e lutas, inspirado pelo estudo do Evangelho, dentro de uma perspectiva de unidade e totalidade da mensagem de Cristo.

Esse processo de luta e de renovação está cheio de esperança e alegria. Pode parecer paradoxal falar-se em alegria

dentro de um contexto de tanto sofrimento e opressão. A esperança do Evangelho, entretanto, explica essa imensa alegria. Mesmo os tímidos sinais de libertação, revelados pelo Evangelho, reforçam o entusiasmo e a vontade de lutar. É a alegria que domina os pobres quando descobrem que são o povo favorito de Deus, quando a sua dignidade é reconhecida por aquele que lhes trouxe a Boa Nova. É a alegria da peregrinação, que conforta e alimenta o povo em seus sofridos esforços para construir um mundo novo. É a alegria sentida pelo povo, quando toma consciência de sua força e percebe que é, por si só, o principal instrumento de sua libertação.

Essa maneira de ser da Igreja está despontando em toda parte. Não é privilégio dos países pobres, em continentes subdesenvolvidos. Pode ser uma realidade para todos os que estão dispostos a assumir os riscos desse chamado de Deus e estão prontos a lutar contra as estruturas sociais perversas. Essas estruturas estão produzindo o maior escândalo de nossa era: o aumento da fome, da miséria e da opressão num mundo de países ricos e de grupos que gastam na indústria da morte o que tomam de tanta gente. A universalidade da Igreja torna-se uma realidade nesse processo: todas as igrejas podem tornar-se militantes em favor da justiça, dentro de seu próprio contexto local. Só é preciso que se abram os olhos para ver essa planta que está brotando, que os ouvidos se sintonizem para ouvir os corajosos brados dos pobres, e que se tomem decisões ousadas, para se envolver nesse processo de libertação, conhecendo as alegrias e os riscos que isso pode acarretar.

Os sinais dessa renovação da Igreja são tão simples e humildes como seu Meste e Senhor. Os que vivem essa experiência não são arrogantes. São, entretanto, inspiradores, corajosos e fortes. Apela para que toda a Igreja se abra a esses sinais de renovação e arrependimento. Isso implica um convite caloroso às Igrejas dos países ricos e poderosos a se tornarem irmãs e companheiras nessas lutas. A enorme influência do Evangelho, o poder do Espírito Santo e o amor de Deus não têm limites.

Tudo isso não se reduz apenas a umas poucas idéias ligadas à sociologia da religião ou a uma antropologia que possa idealizar o povo. Não, este é um processo que já está acontecendo. Muitos já morreram por ele. A galeria dos que deram suas vidas pela Igreja dos pobres já é muito grande, em todos os continentes e em todas as igrejas. Suas vidas e suas mortes não foram causa de desânimo: eles ainda falam vivamente aos que estão comprometidos com o mesmo ideal. Há os que continuam na prisão e os que sofrem perseguições e humilhações de toda espécie. Outros ainda arriscam suas vidas diariamente, nas lutas do povo e da Igreja. As palavras de Cristo estão certamente dirigidas a eles: *Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa (Mateus 5.10-11).*

Os sinais estão aumentando, a esperança se está tornando mais forte e o convite mais imperioso e eloquente para todos os que ousam esperar viver um dia, com fidelidade, o Evangelho que nos foi revelado por Cristo.

A Igreja está sendo desafiada a envolver-se com o povo.



NATAL nas CEBs

As Novenas de Natal utilizadas pelas CEBs são produzidas pelas próprias comunidades

Henrique Pereira Júnior

As Comunidades Eclesiais de Base no Brasil permitiram a criação de uma enorme quantidade de material diferenciado para a reflexão e vivência dos vários momentos litúrgico-sociais.

Durante o ano, dois momentos têm sido privilegiados pelas CEBs: O Natal (Nascimento do Menino Deus Libertador) e a Quaresma (Caminhada do povo com Cristo para a Libertação).

Todo material produzido *pelas* CEBs e/ou *para* as CEBs mostra a íntima relação existente entre FÉ e VIDA.

TEOLOGIA E POLÍTICA

As Igrejas chegaram ao Brasil com dupla intenção, teológica e política, já que é impossível dissociar essas duas posturas pastorais. A Evangelização pensada pela Igreja Católica em toda a América Latina está baseada no binômio COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO, destina-se e tem como sujeito um povo que vive uma situação de injustiça social, política, econômica, assim como cultural e religiosa.

A realidade atual é de desemprego, miséria, favelamento, educação escolar deformada e ligada aos interesses de uma pequena classe dominante. Tudo isso disfarçado numa "abertura política" e num "fechamento econômico" que estreitam os caminhos do povo deixando-o como gado a caminho da guilhotina, que engordará depois os donos do capital multinacional, organizados no Fundo Monetário Internacional. Qualquer atuação evangelizadora nesse contexto só é possível se tiver uma clara intenção

política, iluminada por uma bem definida intenção teológica.

As Comunidades Eclesiais de Base, suas lideranças, padres, assessores e bispos comprometidos com NOVAS FORMAS DE SER IGREJA, têm hoje uma intenção teológica e política de Libertação, tendo o homem simples, explorado, maltratado, o homem lascarado do Nordeste e das periferias das grandes cidades, como sujeito da construção de uma Sociedade Nova, onde os valores do Reino, que são a Paz, a Justiça, a Igualdade, a Fraternidade, serão percebidos e vividos por todos os que acreditam (ou não) no Amor misericordioso do Pai.

Essas duas intenções, numa perspectiva de libertação de todos os homens e do homem todo, são uma constante nas *Novenas de Natal* utilizadas nas CEBs. Elas são produzidas por equipes diocesanas que se formam exclusivamente para esse fim, por coordenações de pastorais e até mesmo por editoras religiosas que subsidiam a vida das Igrejas.

"UMA REFLEXÃO MAIS CONCRETA DA VIDA"

A grande novidade é que a Evangelização e o contexto sócio-político e econômico em que vive o nosso país, possibilitou uma conscientização da população que participa das Comunidades Eclesiais de Base e de outros grupos de Igreja. Hoje algumas comunidades começam a produzir seus esquemas de reuniões em preparação para o Natal. Nestes casos percebe-se uma reflexão mais concreta da vida e de suas necessidades reais, colaborando com a população e em particular, os cristãos que participam dessas no-

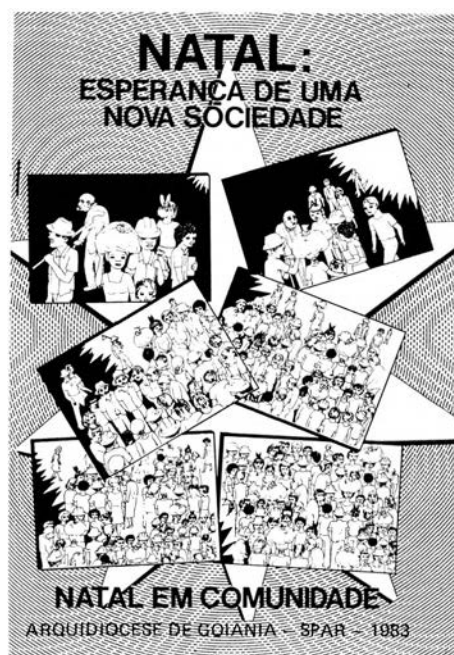
venas, ajudando-os a encontrar no Cristo que nasce no povo a força da Fé e a se organizarem para a superação dos problemas vividos e refletidos comunitariamente.

Nesse processo de percepção de seus problemas — artificiais para quem não está inserido naquela realidade —, na busca de textos bíblicos e documentos da Igreja que iluminem essa situação, na discussão para conscientização, entendimento e decisão comunitária para a superação é que as Comunidades Eclesiais de Base se tornam sementes de uma nova sociedade. Isso é possível porque o povo aprende com as pequenas coisas, executando e até sistematizando suas experiências, o que permite conceber uma sociedade diferente da atual, já podre, e que não aceita mais remendos, como disseram as CEBs no seu Quinto Encontro Intereclesial.

É a partir dessas novenas que muitas CEBs nasceram e que muitos de seus membros perceberam a importância e se engajaram nas associações de moradores, nos movimentos populares, nas oposições sindicais e nos sindicatos, nos partidos políticos, e também continuam firmes no interior de suas comunidades e Igrejas, contribuindo para que sejam o Sinal do Reino de Deus no meio da vida dos homens.

AS NOVENAS DE NATAL

Para o Natal de 1983, como nos natais anteriores, dezenas e até centenas de Novenas de Natal foram feitas e serão distribuídas, vendidas, e haverá até comunidades que refletirão apenas com a Bíblia na mão, para iluminar a vida de seus membros e da sociedade.



Sem querer fazer uma análise de todas elas, seria bom lembrar que todas refletem a situação atual e são mais concretas quanto mais próximas da realidade foram elaboradas. Como exemplo, pode-se citar a Novena de Natal da Diocese de Guarulhos, que vai ajudar toda aquela Igreja Particular a entender o que o Quinto Encontro Intereclesial das CEBs, em Canindé (CE), entendeu como POVO UNIDO, SEMENTE DE UMA NOVA SOCIEDADE.

A Arquidiocese de Goiânia, também neste ano, propõe que esse tema seja o da celebração do "NATAL EM COMUNIDADE — 1983". procurando descobrir nele, como cada pessoa, cada comunidade, pode ser para os outros "a esperança de uma nova sociedade". A novidade desta novena é que os grupos vão procurar interpretar desenhos, o que se aproxima do povo, mais acostumado a se expressar com o corpo, com os olhos com o canto, do que com os grandes discursos.

A novena preparada pelas CEBs na periferia da Baixada Santista também privilegia o tema do último intereclesial das CEBs e coloca o NATAL como o nascimento de uma NOVA SOCIEDADE, possibilitando assim uma reflexão saindo do individual para o coletivo: "as CEBs são chamadas a imitar MARIA que gerou o CRISTO para o Mundo. As CEBs comprometidas com o PROJETO DE DEUS, com a construção da Nova Sociedade, isso é NATAL".

Percebemos aí a intenção teológica de Libertação: "DEUS está conosco para construir entre nós o seu Reino de Paz, Justiça e de Amor". Percebemos também a intenção política, quando a reflexão gira em torno de fatos da vida que precisam ser transformados, assim como precisam ser transformadas as estruturas que impedem a existência do Reino de Deus e da Nova Sociedade.

Os temas são os mais diversos: Educação, Meio de Comunicação Social, Planejamento Familiar, Menores Abandonados, Saneamento Básico,

Poluição, Lixo, Doença, Água, Desemprego, Expulsão da Terra, Fome, Despejo/Habitação, Custo de Vida, Aluguel, Violência, Terrenos Clandestinos, Arrocho Salarial, Mortalidade Infantil, Defesa da Vida, Justiça, Organização Popular, etc.

Com tudo isso percebemos que ainda hoje falta LUGAR para o nascimento do Menino-Deus, Esperança do Mundo, Libertador dos Pobres.

As instituições poderão mais uma vez aprender com as pequenas Comunidades Eclesiais de Base, buscando instrumentos reais de participação e decisão comunitária que provoquem novas formas de instituições sociais, políticas e eclesiais. É assim que as Novenas de Natal nos últimos anos têm aberto possibilidade de LUGAR para o nascimento de NOVAS FORMAS DE SER IGREJA PARA UMA SOCIEDADE NOVA.

Henrique Pereira Júnior trabalha no Programa CEDI/CEBs do CEDI.

Rubem Alves

SOBRE BRUXAS E FADAS

Lutero, contador
de estórias



Nunca pude entender bem as razões que levaram os antigos contadores de estórias a enchê-las com tantos horrores. Ainda me lembro de uma delas, dos tempos de meninice. Um homem ficou viúvo e se casou pela segunda vez. A sua filha foi entregue à madrasta, enquanto o pai viajava. A malvada (porque todas as madrastas eram malvadas) mandou que a menininha tomasse conta da figueira. Se algum passarinho bicasse qualquer figo, ela seria castigada. Mas que pode uma menina contra tantos passarinhos? Um deles burlou a vigilância e o biquinho furou o fruto proibido. A madrasta odiosa notou logo o que acontecera e determinou que a menina fosse enterrada viva. Quando o pai voltou, ela contou de como a filha querida morrera de fulminante enfermidade. Aconteceu, entretanto, que lá do fundo da terra o seu cabelo continuou a crescer, e se transformou num lindo capim. O pai chamou o jardineiro e mandou que passasse o alfange na relva. Mas quando ele começou o seu trabalho ouviu-se uma canção, vinda das profundezas: "Jardineiro do meu pai, / não capine meus cabelos. / Minha madrasta me enterrou / pelo figo da figueira / que o passarinho bicom."

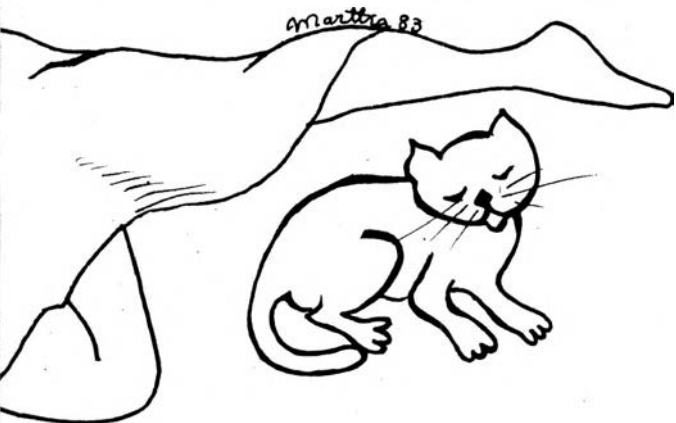




Haverá coisa mais sinistra que isto? No entanto, nunca me esqueci. E levou tempo para eu entender. Foi uma psicanalista minha amiga, que trabalha com crianças, quem acendeu a luz. Uma mãe lhe trouxera a filha, que de medo não conseguia dormir. Toda a sabência materna já se esgotara. Iluminara os armários e em baixo da cama, para que a menininha visse que não havia nada escondido. Mas não adiantava. Continuava o pavor. Apelara para a razão, o argumento, a conscientização. E lá vinham as aulas. “Minha filha, você já é menina grande, pense um pouquinho...” Mas os pensamentos mais valentes se punham a correr quando o medo mostrava a cara. Minha amiga chamou a mãe e lhe disse: “Vou lhe ensinar a contar histórias para que a sua filha possa dormir...” E começou a contar horríveis contos de pavor. A mãe esbugalhou os olhos, argumentou que o terror da menina aumentaria, mas a psicanalista foi inflexível. “É preciso contar histórias de terror para que as crianças durmam bem...” A mãe, sem alternativas, resolveu experimentar. Voltou rindo na sessão seguinte. A menina não resistira a cinco minutos. Caiu logo no sono.

É tão simples de entender. Os medos da criança eram um fato: fantasmas que moravam dentro dela. Quando a mãe, moderninha, iluminava tudo do lado de fora para dizer que ali não havia lugar para bichos papões, eles se escondiam mais fundo no mundo lá de dentro. E o terror aumentava. Já a história de horror é diferente. Conta que há razões em abundância para o medo: as madrastas, as bruxas, as meninas abandonadas em florestas... Só que tudo sempre acontece: “... uma vez, faz muito tempo, numa terra distante.” Quando os fantasmas que moram dentro da gente ouvem tais coisas eles saem dos seus esconderijos e vão para o mundo encantado das histórias. E assim ficam livres deles. Podem dormir e viver.

Estas coisas me vieram à mente ao me lembrar de Lutero. Você sabia disto, que teologia é uma história que se conta, para que a gente possa dormir de noite e amar de dia? Lutero, contador de histórias. Quem quiser entender o seu mundo fará bem em ler os contos dos irmãos Grimm, e em ficar muito tempo olhando as telas de Bosch e de Brueghel.



É um mundo de terror, habitado por maus espíritos e invadido por pesadelos — coisa semelhante às telas oníricas de Salvador Dali.

Assim eram as histórias católicas, também de horror, das profundezas misteriosas dos sonhos, das florestas negras e de castelos submersos onde vivem princesas adormecidas. Tudo começou quando Lutero se sentiu como aquela menina que não podia dormir de medo... Ah! Maus contadores de histórias, esquecidos das palavras mágicas que exorcizam os maus espíritos. Tudo terminava quando o jardineiro respondia à menina enterrada:

“Se você tem forças para cantar, deve ter forças para cavar. Saia pra fora, e conte pro seu pai...”

É, a isto davam o nome de justificação pelas obras... E Lutero, menina enterrada, como todo mundo, não podia dormir.

Chamaram então um tio iluminado. Erasmo de Rotterdam, que não conhecia a noite, e vivia num mundo sem bruxas e sem madrastas. Como aquela mãe, nossa amiga... Ah! No seu mundo tudo se resolvia com idéias claras e distintas, misturadas com conscientização — porque por lá não passavam aqueles que conheciam o terror dos pesadelos. Ao fogo com Bosch e Brueghel, muito melhores os quadros de Michelangelo e os espelhos. Terrores e fantasmas resultam de uma má digestão. No fundo, o vilão é o corpo, prostituta sem vergonha, que só toma jeito quando a razão lhe castra os genitais. Erasmo, boticário que prescrevia razão, luz e claridade para todo mundo, acendedor de lâmpões que iluminaria as florestas obscuras e proibiria as noites escuras. Seria um bom marido para a mãe conscientizada da menina, muito embora em torno dele houvesse sempre um estranho cheiro de velório. No fundo, Erasmo concordava com os outros: se a menina quisesse, bem que poderia sair do buraco, cavando...

Felizmente a história de horror foi mais sábia: o jardineiro contou ao pai sobre a estranha canção que ouvira. E o pai foi, desenterrou a filha... GRAÇA. O horror se resolve quando a criança aprende que mesmo se enterrada, seus cabelos contarão ao pai, e ele virá... Mesmo que esteja bem fundo, pelo figo da figueira que o passarinho bicou. Figo: fruto vermelho por dentro, como um coração, que convida os bicos gulosos dos passarinhos...

O pai vira o tempo da frente para trás, tudo começa de novo. Perdão.

Contadores de histórias? Parece que se foram. Hoje somos como aquela mãe, sabida e tola... Todo o horror do mundo encantado desaparece ante nossas idéias claras e distintas. Mais sábios e incapazes de dormir...



ESTARÁ O MOVIMENTO PENTECOSTAL AINDA EM MARCHA?

James A. Forbes Jr.

Um renomado pastor negro faz uma séria advertência ao movimento pentecostal, pede uma visão mais ampla e prevê bênçãos do céu para os que avançam no Espírito.

Em menos de um século, o movimento pentecostal, antigamente relegado "ao outro lado da linha" tornou-se o principal instrumento para ajudar o mundo moderno a recuperar a consciência da presença do Espírito Santo na história. O movimento pentecostal revelou ao nosso século a dinâmica, há muito esquecida, do poder espiritual da Bíblia.

Ele estimulou a recuperação dos dons do Novo Testamento. Despertou toda a Igreja para a renovação do interesse, do estudo, da cultura, da produção e publicação de tópicos relacionados com o Espírito Santo.

Foram as igrejas pentecostais que deram origem ao movimento carismático, que se transformou em vigoroso testemunho das igrejas das principais denominações pelo mundo todo. Hoje em dia, o movimento pentecostal/carismático gaba-se de ter as maiores igrejas e as que crescem mais rapidamente no mundo, de ter formado autênticos líderes denominacionais e ter enviado missionários e evangelizadores por todo o mundo cristão. Tudo isso foi feito ao mesmo tempo em que se dava grande atenção à salvação das almas e à construção do Reino de Deus.

Desde o humilde início desse movimento mundial em Azusa Street, na cidade de Los Angeles, na Califórnia, sob a liderança do apóstolo negro, William J. Seymour, palavras de louvor e declarações proféticas têm sido ouvidas em línguas cada vez mais diversas. Agora, entretanto, em vez de deixar uma igreja qualquer, com crentes que se balançam ao som dos hinos, penetrar num mundo triste e monótono, os pentecostais são líderes num mundo de maravilhas eletrônicas.

Os aviões a jato e os satélites riscam o espaço. Processadores de palavras e textos de computadores são comuns hoje em dia. Os dispositivos microeletrônicos provam que o que é pequeno pode ser bonito e eficiente. Enquanto os governos aperfeiçoam os ônibus espaciais, os biólogos tratam de explorar corajosamente (e às vezes perigosamente) o espaço interno.

AS DORES DO PARTO DE UMA NOVA ERA

Nesta época de progresso científico sem precedentes, as dores do parto de uma nova era são ouvidas de um continente a outro. Os povos da África, Ásia e América Latina procuram desesperadamente o sentido, o propósito, a profundidade, a força, a libertação e um melhor padrão de vida. Também aqui são os pentecostais que estão surgindo

nos países do Terceiro Mundo, para liderar o caminho que leva a um Deus sobrenatural, que traz a paz a toda a humanidade.

As tendências econômicas mistificam os especialistas. As soluções políticas do passado se desintegram. As nações do Terceiro Mundo protestam contra a exploração e a opressão. À sombra dessas mudanças memoráveis, o movimento pentecostal está pronto a responder à pergunta que o mundo faz: “Há alguma palavra que venha do Senhor?” É, sem dúvida, uma época de grande oportunidade espiritual. Mas para quê?

No ano passado, quando busquei o Senhor para descobrir como poderia ser a nova visão do mundo, preparei um sermão para ser pronunciado para os nossos alunos do meu seminário. Mas depois que completei o meu sermão, o Senhor me disse: “Este sermão não é só para os alunos; é para você e todo o movimento pentecostal.” Quando olho para trás, para aquela “palavra de Deus”, compreendo que a mensagem é ainda mais importante agora do que quando a recebi. Ela surgiu de uma nova compreensão do evangelho de São Marcos (8.27-37).

O QUE OUÇO O SENHOR DIZER

O conceito começa com a confissão de Pedro: “Tu és o Cristo”. Mas quando a li, compreendi que não levava em consideração algo ainda mais importante. Depois que Pedro verbalizou sua confissão, Jesus o desafiou imediatamente bem como aos outros discípulos, advertindo-os para o sofrimento e a rejeição que resultariam dessa confissão.

Pedro logo repreendeu a Jesus: “Isso nunca vai acontecer.”

Os olhos de Jesus faiscaram, quando ele olhou para o seu amigo fiel. “Retira-te de diante de mim, Satanás; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas as coisas que são dos homens”.

Foram palavras duras. Mas mal lhe haviam saído da boca, quando ele começou a pregar, aumentando a compreensão de Pedro sobre o que a sua missão iria exigir de todos eles.

Alguns dias depois dessa penosa experiência, Pedro, juntamente com Tiago e João, recebeu uma bênção que os afetaria aos três, pelo resto da vida. E tudo resultou daquela experiência em Cesaréia.

É isso que ouço o Senhor dizer.

Creio que Jesus está transmitindo essa mesma mensagem ao movimento pentecostal. Nós já confessamos quem é o Cristo, mas nossa compreensão de sua missão tem sido muito limitada pela nossa falta de visão. Nossa capacidade de mostrar-nos à altura da ocasião dependerá de nossa resposta à sua repreensão no momento e à ampliação que ele deseja operar em nós.

NOVAS OPORTUNIDADES ESPIRITUAIS

Se pudermos suportar a repreensão e a ampliação, então uma nova bênção virá, para preparar-nos para novas oportunidades espirituais.

Começemos pela repreensão. É compreensível que nós, os pentecostais, procuremos defender-nos contra nossos inimigos, quaisquer que sejam eles. Mesmo que tenhamos defeitos, não gostamos que ninguém fique apontando nossas falhas.

Como pentecostal, sofri injúrias anos atrás. Fui chamado de “rebolador de igreja” e coisas piores. É natural, portanto, que aqueles de nós que sofreram não queiram receber mais condenações dos outros. Mas e a repreensão de Deus? Poderemos suportá-la? Pedro não gostava dela, mas sabia que o Senhor o amava. Por isso recebeu com humildade aquela dura condenação.

Ora, eu não gosto de confissões. Durante os meus dias de aluno no seminário, aprendi a rezar a oração da confissão geral. Quando voltei para casa e rezei aquela oração, os membros da igreja disseram: “A julgar por essa oração, você deve ter pecado um bocado desde que esteve naquele seminário”.

Nós simplesmente não gostamos de confessar. Somos salvos, santificados e batizados com o Espírito Santo — que necessidade temos de confessar?

Ou será concebível que, de vez em quando, Jesus nos diga, como disse a Pedro: “Retira-te de diante de mim, Satanás. Tu não compreendes as coisas de Deus. Tu não pensas de acordo com as coisas divinas, mas de acordo com a compreensão dos homens”.

Será possível que ele dissesse isso a nós — o grande movimento pentecostal?

A pessoa prudente ouvirá com humildade. Só os tolos ficarão na defensiva.

RISCOS DE UMA INSTITUIÇÃO

Percorremos um longo caminho, desde o nosso humilde começo. Entretanto, nosso movimento corre o risco de se tornar uma instituição. Temos nossos congressos internacionais, nossos líderes reconhecidos, nossos periódicos bem escritos, nossas doutrinas abalizadas, nossas igrejas dinâmicas. Até nos regozijamos com nossas estatísticas.

Nos primeiros anos, criticávamos as instituições; entretanto, o tempo e as circunstâncias nos levaram ao estágio da institucionalização. Não precisamos sentir-nos embaraçados por isso, porque, como veremos mais tarde, isso pode ter alguma relação com nossa nova oportunidade.

Mas há um perigo na institucionalização, pelo qual o Senhor nos julgará com severidade. É a tendência de todas as instituições para investir uma parte tão grande de sua energia e recursos na sobrevivência da instituição, que sobra pouca força para perseguir os objetivos que motivaram o

estabelecimento da instituição. Qualquer que tenha sido o designio de Deus para fazer surgir o movimento pentecostal, certamente era algo mais que a simples manutenção do movimento.

Naturalmente, as instituições trabalham legitimamente para perpetuar sua identidade e fortalecer seus membros. Mas quando esse objetivo legítimo se torna o fundamento primordial para a tomada de decisões, o movimento deixa de ser fiel ao Senhor, que disse: "Aquele que quiser salvar sua vida, perdê-la-á" (Mt 16.25).

Um movimento que passa muito tempo tentando salvar sua vida como instituição, acabará perdendo-a. Por exemplo, nos países e comunidades, onde predomina a opressão racial, social, econômica e política, e existem muitos padrões anticristãos de segregação e discriminação, que posição tomam os pentecostais, quando se instalam num ambiente assim?

OPRESSÃO E LIBERTAÇÃO ESPIRITUAL

Alguém disse que se você quiser ter sucesso, é melhor aprender como se adaptar. Infelizmente, muitos de nós aprendemos muito depressa a nos adaptar — mesmo às custas de nossos valores cristãos.

Será que a presença de um forte movimento pentecostal num país reforça a opressão ou serve para fortalecer o avanço da libertação espiritual, social e econômica? Em alguns casos, não em todos, pode ser que o Senhor esteja dizendo aos missionários, evangélicos, pastores e líderes: "Retira-te de diante de mim, Satanás, não estás agindo conforme a vontade de Deus, mas conforme a conveniência social."

No continente africano, por exemplo, a situação política teria sido diferente, se os pentecostais tivessem mostrado que o princípio dos Atos dos Apóstolos (2.41-47) exige uma distribuição equitativa de recursos. Em vez disso, dissemos que um pentecostal não se importa com essas coisas. Desse modo, os líderes africanos, que cresceram em escolas missionárias, tiveram que se voltar para outras filosofias políticas, que não incluíam Deus, para buscar a libertação de seu povo.

Agora, nós, os pentecostais, estamos sentindo a repreensão de Cristo, porque não dissemos aos nossos irmãos africanos que aquele que liberta é na verdade livre.

Será tarde demais para ouvir o Senhor dizer: "Oh, vocês não pensam como Deus, mas como homens?"

Aprendemos como pentecostais, e aprendemos bem, que uma vida de acordos e envolvimento com o mundo destruirá o nosso compromisso. Todos conhecemos o potencial destrutivo do intercuro rápido e fácil com o mundo. Mas permitimos que a nossa "doutrina da separação" degenerasse em desprezo e às vezes ressentimento, beirando o ódio.

Como nós, os pentecostais, éramos esmagados pelas outras igrejas, agora parece natural que, como somos grandes e

Toninho Muricy



Qualquer que tenha sido o designio de Deus para fazer surgir o movimento pentecostal, certamente era algo mais que a simples manutenção do movimento.

poderosos, façamos o mesmo com elas. É tão fácil chamar as outras igrejas de "sinagogas de satanás" ou de "prostitutas da Babilônia".

Às vezes os pentecostais parecem Elias falando: "Só eu restei". Outras vezes parecem Jonas: "Espero que não se arrependam, porque então poderiam ser salvos."

Será possível que o Senhor não esteja satisfeito com nossa atitude para com os outros cristãos? Seria a nossa retirada causada pelo desejo de nos protegermos das feridas do passado? Será a nossa separação dos outros cristãos uma medida da nossa correção — ou um sintoma da nossa fraqueza?

OS PENTECOSTAIS E OS OUTROS

Os pentecostais precisam aprender com os outros. E nosso intercâmbio poderá ser benéfico para eles também.

Em 1975, no Centro de Convenções de Nairóbi, no Quênia, reunia-se a Quinta Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas. A maioria dos pentecostais considera a CMI quase como uma coisa absolutamente maligna. Mas o relatório do início daquela reunião trazia a seguinte prece, como reflexão do espírito da assembléia:

Senhor, partilha conosco as línguas do teu Espírito, para que possamos arder de compaixão por todos os que têm fome de liberdade e humanidade — para que possamos ser executores da Palavra e assim falar com credibilidade das coisas maravilhosas que fizeste.

Senhor, guia-nos por caminhos que ainda não sabemos discernir e equipa-nos para o serviço da reconciliação e da libertação em teu mundo. Derruba os muros que nos separam e unifica-nos num só corpo.



"Senhor, guia-nos por caminhos que ainda não sabemos discernir e equipa-nos para o serviço da reconciliação e da libertação em teu mundo".

todo se não podemos sentar-nos com outros cristãos para celebrarmos nossa unidade?

Falamos de profecia na igreja, muitas vezes com vistas a edificar ou castigar a igreja local. Mas o que aconteceu à voz profética que fala contra os males da nação? Onde podemos encontrar a igreja com um penetrante discernimento dos males da desumanização? Onde podemos encontrar um pentecostal branco, da classe média, que não tenha medo de protestar contra a exploração racista e políticas econômicas injustas?

Gostamos de falar de Ester, que teve a coragem de ir até o rei, mas onde estão as Esteres e os Amós de nosso País, de nosso mundo?

Os pentecostais gostam de reunir-se por amizade. Gosto da amizade solta do Congresso Pentecostal Mundial, por exemplo. Ela me proporciona espaço. Se ela fosse muito estreita, talvez eu não me ajustasse tão bem. Mas poderá vir um tempo em que não possamos nos dar ao luxo de ter uma confederação livre. Pode chegar o tempo em que tenhamos de ter uma reunião como em Atos, 15 — em que tiveram de discutir e brigar a fim de determinar o que Deus estava dizendo.

O QUE DEUS ESTÁ TENTANDO DIZER?

O que, por exemplo, está Deus tentando dizer-nos a respeito da guerra nuclear? Qual deve ser a relação dos pentecostais com o seu governo, quando servirem em países marxistas? Qual a nossa posição com relação aos "bebês de proveta"? Devemos engajar-nos em protestos políticos? É lícito orar em apoio a esses esforços? Deverá haver uma palavra profética a respeito da engenharia genética?

Talvez não tenhamos que responder a todas essas perguntas hoje, mas esse tempo virá e nem todos verão as coisas da mesma maneira. Precisamos começar a pensar sobre como falaremos com uma voz uníssona, quando o Espírito falar à Igreja.

A despeito do que alguns possam pensar, os pentecostais não são o único grupo de Deus. Mas são um grupo espe-

cial; um grupo que sabe que Deus está falando. O mundo está esperando por uma Igreja que esteja pronta para grandes coisas. Os pentecostais têm experiência, disciplina, força e amor. Agora precisam de uma visão mais ampla.

Depois que Pedro sofreu a repreensão e o Senhor lhe ampliou a visão, aconteceu uma coisa maravilhosa. Seis dias depois, encontrou-se ele, juntamente com Tiago e João, no alto de uma montanha, com Jesus. "Não estou zangado", disse Jesus, "só queria sacudi-lo um pouco, para prepará-lo para uma grande bênção." Lá, no Monte da Transfiguração, Pedro encontrou seu nicho na eternidade. Repreendido, esclarecido e agora abençoado.

OS CRISTÃOS VENCERÃO OS BALUARTE DE SATANÁS

Creio que é tempo dos pentecostais prepararem-se para novas oportunidades espirituais. Em cada continente, em cada Igreja, Deus está pronto para mover-se com grandes bênçãos. Empregando toda a tecnologia do mundo, os cristãos vencerão os baluartes de Satanás e bilhões serão libertados pelo sangue do Cordeiro e a palavra do nosso testemunho.

Mas, como disse o profeta, isso não será feito por nossa própria força e poder, mas somente quando deixarmos que nosso próprio eu morra e que o Espírito Santo se apodere de nós. Talvez eu possa ilustrar isso com uma história muito conhecida.

Havia um riacho que desejava atravessar o deserto, mas toda vez que tentava fazê-lo, era engolido pelas areias do deserto. O riacho estava a ponto de desistir, dizendo:

— Não posso atravessar o deserto; é demais para mim.

Então ouviu-se uma voz:

— Riacho, você pode atravessar o deserto.

— Como? — perguntou ele.

E a voz disse:

— Entregue-se ao vento.

Assim, o riacho entregou-se ao vento quente do deserto. Novamente ele desapareceu — morreu — por assim dizer, quando se evaporou no ar. Mas o vento carregou-o para a montanha e gentilmente deixou-o cair sob forma de chuva no pé da montanha.

Embora não pudesse fazer o que queria, com sua própria força, cedendo ao Espírito Santo e morrendo em sua forma antiga, ele conseguiu realizar o desejo de seu coração.

Os pentecostais também têm um sonho. Mas não precisam morrer para si mesmos e, como Ezequiel, chamar os ventos para que soprem sobre o nosso movimento. Só então teremos a concretização da visão.

(Extraído da Revista *Charisma*, março de 1983.)

James A. Forbes Jr. é professor do Union Theological Seminary de Nova York, EUA.

OS 500 ANOS DO NASCIMENTO DE LUTERO

(Extraído do jornal "Folha de São Paulo" de 10/11/83)

Walter Altmann

Reformador da Igreja ou herege e demônio, campeão da liberdade ou laçao de príncipes, restaurador da verdade ou subjetivista arbitrário, herói nacional alemão ou traidor dos camponeses oprimidos, revolucionário ou burguês — quem foi Lutero? Poucos personagens da história obtiveram imagens tão diversas e contraditórias.

O fato denuncia a ótica peculiar de seus muitos intérpretes, mas também revela uma vida agitada num tempo conturbado. Lutero nunca pode se dar ao luxo de coerências sistemáticas e a-históricas. Jamais teve o privilégio ou a desgraça de poder refletir à distância sobre o processo histórico em convulsão. Não só foi forçado a pensar, falar e agir no centro dos acontecimentos; os próprios fatos, por assim dizer, se abatiam sobre ele, vez por outra o levaram de roldão. Sua enorme produção literária é composta em grande medida por escritos ocasionais, em que se posicionava diante de exigências concretas que o momento impunha. A extraordinária repercussão de suas obras e de seus gestos lhe era surpreendente: Deus o estava utilizando como instrumento indigno da causa evangélica.

Recapitulemos alguns dos fatos. Nasceu há exatamente 500 anos, Lutero abandona em 1505, quase ao fim, o curso de Direito, renunciando à perspectiva de promissora carreira pública, para ingressar no rigoroso convento dos agostinianos de Erfurt, em busca da salvação. A 31 de outubro de 1517 (dia da Reforma), já há diversos anos professor de Bíblia na universidade, afixa à porta do castelo de Wittenberg as famosas 95 teses, em que condena a venda de indulgências. Em 1520, escreve os principais escritos reformatórios, em que enfatiza a liberdade do cristão, a necessidade de novas boas obras no âmbito secular, a urgência da reforma

da Igreja, advogando ainda profundas reformas econômicas, sociais e políticas. No mesmo ano ainda queima publicamente a bula papal de ameaça de excomunhão, juntamente com exemplares do Direito canônico. Em 1521 é excomungado pelo Papa e convocado à dieta imperial de Worms, onde se recusa à retratação de seus escritos. É condenado e declarado proscrito do império. "Seqüestrado" a mando de seu príncipe, permanece incógnito no castelo de Wartburgo, onde traduz o Novo Testamento e escreve outros ensaios. Posteriormente, retorna à atividade pública em Wittenberg. Em 1525, escandaliza até seus amigos casando-se, em meio à guerra dos camponeses, com uma ex-freira. Em relação aos camponeses, depois de apoiá-los a princípio, em boa medida, em suas reivindicações sociais, concita os príncipes a massacrar os camponeses em revolta. Em 1527, decide-se a permanecer em Wittenberg ao lado dos doentes e moribundos, em meio a um surto de peste, desobedecendo à determinação de seu príncipe de que se ausente, para sua proteção. Em 1529, escreve os catecismos Maior e Menor, que vão dar forma, piedade e doutrina das comunidades luteranas. A partir de 1530, ainda com muitos percalços, dá-se a fase de consolidação da Reforma. Falece em 1546.

Significativas são também as mudanças de perspectiva, na avaliação de Lutero. A polêmica católica chegou a divisar nele a manifestação de Satanás em pessoa. Hoje a pesquisa católica reverencia sua profunda piedade, enfatiza a justiça de suas reivindicações de reformas e o classifica como uma autoridade teológica comum a protestantes e católicos. A pesquisa marxista, acostumada a depreciá-lo como subserviente servil de príncipes opressores, resgata a memória de que Marx o classificou como um dos maiores economistas e

Engels o reverenciou como líder do movimento que rompeu com a medieval estrutura de poder, rompendo os privilégios e as legitimações religiosas da Igreja Romana. Em particular, a recente pesquisa marxista na República Democrática Alemã já não o vê em antagonismo a Tomás Muntzer, mas lhe atribui papel decisivo no surgimento histórico da revolução pré-burguesa. A dissensão com Muntzer, este sem dúvida mais conseqüente, teria sido no interior de um movimento histórico progressista. Já a pesquisa luterana, que, ainda no século passado, caracterizou Lutero como um herói da nação alemã e que neste século tendeu a ver nele um "campeão" de idéias religiosas, empenha-se hoje por melhor contextualizá-lo em seu tempo e fazer a reflexão crítica quanto a sua relevância atual. Nesse esforço, não se realçam apenas os aspectos positivos de sua obra, como também se reconhecem, com vergonha, posicionamentos trágicos como aqueles em que concita, por exemplo, ao massacre de camponeses e a repressão aos judeus (também neste caso após inicialmente ser um defensor seu) e aos adeptos da ala radical da Reforma.

Qual seria sua contribuição fundamental no momento histórico em que viveu, qual sua relevância para nosso contexto e nossos dias? Arrisco-me a caracterizá-lo em três áreas: a) Igreja e espiritualidade; b) relação entre fé e mundo; c) na sociedade, política e economia.

No fim da Idade Média se havia acumulado um profundo anseio de reforma da Igreja, "na cabeça e nos membros", isto é, radical e ampla. Diversos movimentos renovadores intentavam arrancar a Igreja de todos os sinais de decadência, purificando-a dos abusos e desvinculando-a de interesses econômicos e do poder político. Outra corrente, a do misticismo, deixava de lado ou em segundo plano a preocupação com a estrutura eclesástica e concentrava-se na busca da união pessoal íntima com o Salvador. Lutero acaba fazendo jus. Simultaneamente, a ambos os anseios, o de reforma da Igreja e o de uma fé pessoal convincente, com sua doutrina da "justificação pela graça, mediante a fé", sem as obras da lei.



O monge que se atribula no convento, buscando a salvação através de boas obras meritórias, por mais exitoso que seja para terceiros, vai-se afundando no desespero por não conseguir fazer tudo quanto supõe dele ser exigido por Deus. Descobre-se, após o desespero, renascido e entrando livremente no paraíso, quando entende que Deus salva gratuitamente, através da fé. A liberdade adquirida, em termos pessoais, lhe serve também de instrumento para a crítica à venda de indulgências (quando o perdão é gratuito, em Cristo) e a instituição eclesiástica em geral, na medida em que esta se interpõe, com exigências, entre Jesus Cristo e o crente. A doutrina da justificação pela fé contém, assim, em seu bojo, uma radical valorização igualitária de todas as pessoas. Pelo que elas são (para Deus). Obviamente as pessoas ainda assumem funções distintas na sociedade, mas ficam desqualificadas todas as formas de discriminação, sejam raciais, sociais, econômicas ou mesmo religiosas. Rejeitados ficam todos os sistemas que valorizam as pessoas pelo que possuem, consomem ou mesmo produzem. Igualmente incompatíveis com a descoberta de Lutero são todas as formas de espoliação econômica, do trabalho pelo capital. A tortura é inconcebível. O aviltamento de qualquer pessoa é ofensa ao próprio Deus.

Na relação entre fé e mundo, Lutero havia buscado o caminho prescrito para a obtenção de uma santidade superior: a vida religiosa, retirada do mundo. Isso contrastava com a mundanidade da própria Igreja. Mesmo para o comum dos cristãos, as boas obras previstas estavam centradas, basicamente, na Igreja: veneração de relíquias, peregrinações, compra de indulgências. Lutero descobre que o egoísmo, o estar voltado sobre si mesmo — essência do pecado — está tão presente em suas preocupações em obter sua própria salva-

ção, mesmo nas práticas monásticas, quanto em qualquer outro lugar. O lugar de santidade não deve ser retirado do mundo, mas encontra-se nas lutas da vida concreta e material. Esse é o lugar de viver a fé e o amor, já não mais voltado para si, nem centrado na Igreja, mas dentro do mundo e voltado para o próximo. Empreende, portanto, a volta ao mundo, trazendo para dentro dele o espírito de disciplina monacal. Revaloriza a natureza e enfatiza a profissão como lugar de vocação divina e instrumento de serviço. Redescobre a sexualidade como boa dádiva de Deus.

A nova disciplina do trabalho deixou marcas profundas no desenvolvimento do mundo moderno. O conceito, porém, deve ser levado hoje a um novo estágio. O exercício profissional individualizado não pode ser exaltado como agradável a Deus, num contexto em que inúmeras profissões são aviltadas a serviços forçados, em favor de interesses espoliativos. É preciso ampliar, hoje, os conceitos de Lutero em direção à valorização das formas coletivas de ação, como a participação em associações de bairros, sindicatos e partido. Esses são lugares preferenciais para a vivência do amor cristão, com a mesma dedicação e disciplina que Lutero foi buscar no convento.

Finalmente, quanto às estruturas sociais, políticas e econômicas, Lutero viveu numa fase de transição histórica do feudalismo para o capitalismo mercantil. Profundas transformações operavam-se em todos os campos. É uma idéia totalmente falsa a de que Lutero tivesse esperado dos cristãos a omissão nos assuntos políticos, econômicos e sociais. Ao contrário, ele mesmo não cessou de opinar em todos eles. Enfatizou a responsabilidade política como decorrente do próprio batismo, propugnou pela introdução de um sistema educacional universal, inclusive para mulheres (o que era inusitado em seu tempo). Fez críticas abertas à prática da usura e aos novos mecanismos comerciais, em que divisava o acúmulo de lucro às custas das necessidades do povo. Defendeu e ajudou a introduzir nas municipalidades caixas comunitárias de apoio a enfermos, viúvas e desempregados (antecipação de um amplo sistema previdenciário). Se bem que geralmente tenha enfatizado a obediência às autoridades constituídas

(nem sempre, porém), definiu-as como limitadas pelo Direito e incumbidas de defender os fracos e promover a justiça.

Suas propostas concretas são contraditórias, algumas ainda de cunho medieval, outras já modernas. Num aspecto, porém, foi claramente favorecedor de uma nova ordem, ou seja, ao desvincular o político, o social e o econômico da tutela eclesiástica institucional. O sistema feudal estava calcado no direito divino, e a própria Igreja que o representava era detentora de privilégios. Riquezas e poderes. Lutero proclama que o âmbito político, social e econômico é regulado não por direito divino, mas por direito humano. Em vez de uma lei imutável com uma instância interpretativa irrecorrível (a Igreja), uma lei histórica, humana, reformável. Ruiu a legitimação religiosa do sistema feudal.

Mais uma vez perguntemo-nos pelo significado atual. Hoje, a tutela eclesiástica sobre o político não é nenhum risco sério. Ao contrário, muito mais agudo é o perigo de ficarmos submetidos ao arbítrio de sistemas políticos, econômicos e sociais que pretendem se reger por critérios tecnocráticos, insensíveis à crítica, ao controle e às necessidades humanas concretas. Nesse contexto, é imprescindível destacar a missão profética da Igreja diante de Estados e sistemas de injustiça e opressão. Igualmente, a expectativa de reforma da Igreja é hoje periférica. O povo anela por libertação de sistemas políticos e econômicos de dominação e dependência, que lhe impõem sacrifícios cada vez mais severos, a ponto de o clamor da vida ser praticamente sufocado pela estrutura de poder da morte. Os sujeitos históricos de transformação no atual momento do processo histórico já não são, obviamente, os príncipes, como na passagem da Idade Média para a era Moderna, mas o povo em suas classes subalternas. Ele, especificamente em seus setores oprimidos, é o novo sujeito histórico que se exercita em movimentos populares. Na luta histórica desses setores devem se inserir os adeptos modernos de Lutero.

WALTER ALTMANN é pastor e teólogo, reitor da Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e membro da Comissão de Estudos da Federação Luterana Mundial.

Carlos Rodrigues Brandão

NICARÁGUA, NICARÁGUA!

Segunda Parte

O que fora programado para ser uma cerimônia rápida e muito simples de encerramento dos seis dias de trabalho do *Encontro Internacional de Educação Popular pela Paz*, acabou sendo um demorado acontecimento, numa tarde quente e úmida de Manágua. Éramos um bando de educadores apertados em uma sala prevista para a metade do número dos que afinal ali se reuniram. Concluíamos um “Encontro” onde, mais do que discutir a fundo questões de *educação e educação popular*, vivemos dias de trocar experiências e, sobretudo, dias de ouvir as dos educadores nicaraguenses. Cerca de quinze tinham chegado dos Estados Unidos — cuja marinha de guerra naqueles dias rondava praias da Costa Atlântica do país —, outro tanto veio do Canadá. Éramos uns vinte e cinco latino-americanos e um número que oscilava entre vinte e trinta educadores da Nicarágua. Entre eles havia um número fixo de participantes, um dos quais, Ernesto Valdecillo, o vice-ministro de educação popular, nos acompanhou durante todo o Encontro. Havia também alguns professores que vinham a cada dia de uma das regiões do país.

Paulo Freire havia chegado na noite anterior. Ele fez a última conferência. Fora do previsto, ela acabou sendo a primeira fala da cerimônia de encerramento. Não falou mais do que uma meia hora e, ao final, palmas muito demoradas dos educadores visitantes misturavam-se com as “consigneas” que os do país gritavam em coro e com que nos havíamos acostumado, de tanto ouvi-las a todo momento, durante o Encontro: “FSLP vencerá! Con la Educación Popular Nicarágua triunfará!”. Uma delas, mas eram muitas. Depois de tantos anos de ofício, eu nunca havia visto aquilo. Jovens com os punhos erguidos, mãos que ritmadamente subiam e desciam e marcavam o compasso das frases gritadas, enunciando, como gritos coletivos, palavras que aprenderam na *Campanha Nacional de Alfabetização*, de que muitos deles participaram há três anos.

É claro que os jornais do dia seguinte aproveitaram ao máximo algumas frases ditas por Paulo Freire, cuja foto saiu em dois ou três deles: “Nicarágua é a melhor universidade do mundo”, foi uma das manchetes de *Barricada*, o diário oficial da *Frente Sandinista de Libertação Nacional*. A frase dita por Paulo Freire não fora da conferência, mas de uma entrevista. Mais útil do que as outras, acompanhava a de uma outra manchete: “Fuzis e cadernos são armas do povo”, que Carlos Carrión, um dos membros da

Assembléia Sandinista, disse no meio do último discurso do encerramento do Encontro.

Myles Horton, representante da delegação norte-americana — um homem de barbas e porte semelhantes aos de Paulo Freire — condenou de público a política de seu governo contra a América Central. No fim de sua fala, comparou o que os educadores nicaraguenses faziam com “um poema de liberdade que todos precisamos aprender”. Gosto de frases assim. Elas podem parecer ridículas aos olhos daqueles que pensam que coisas como educação são assuntos para especialistas e estatísticos. Mas a verdade é que servem para lembrar que a educação não é mais que uma conversa interminável entre as pessoas, onde todos podem aprender alguma coisa. Depois que a representante da comissão canadense falou, uma outra entregou a Carlos Carrión, a Ernesto Valdecillo e a outros membros da mesa, alguns cartazes que os canadenses haviam desenhado e pintado durante os dias do Encontro. Enquanto isto, eu, recém-nomeado representante da delegação latino-americana, rabiscava algumas palavras do que, mais que um discurso de “clausura”, acabou sendo um meio-termo entre um poema e uma crônica daquilo que havia visto e vivido no país. Durante os dias do Encontro desapareci com frequência das salas de reunião e viajei tanto por Manágua, quanto entre duas cidades do interior: Granada e Masaya. Aproveitei todo o tempo que tive para conversar com as pessoas na rua e, em Granada, na feira e no mercado.

Quando acabei a leitura do que escrevera — e que li com muita emoção — os jovens professores da sala voltaram a gritar suas palavras de guerra. De repente, uma negra norte-americana aproveitou um brevíssimo momento de silêncio e começou a cantar, sozinha, uma música que depois nos foi traduzida e explicada como uma das canções de protesto dos negros dos Estados Unidos. Uma cantilena triste e lenta, ao contrário da força dos gritos agudos dos nicaraguenses, que mal repetia, tal como as suas “consigneas”, duas ou três frases:

“Pensam que estamos parados, mas começamos a caminhar; pensam que estamos parados, mas não paramos mais de andar.”

Rompido de vez o programa oficial, passamos da cerimônia à celebração: gritos de guerra, pessoas cantando, abraços, trocas de presentes. Rosa Paredes, da Venezuela, distribuiu entre alguns educadores do país pequenas pombas coloridas que os presos políticos chilenos faziam na cadeia

e que a comissão do Chile trouxera para a ocasião. Um dos organizadores do Encontro arrancou de minhas mãos os escritos que eu lera e me disse que eram para “salir en Barricada”, no sábado seguinte. Nunca mais os vi.

O dirigente da mesa só conseguiu o retorno à ordem quando anunciou que “el compañero Carlos Carrión” faria o discurso de encerramento. Ao contrário de todos nós, ele falou devagar e, às vezes, entre uma frase e outra buscava no silêncio o fio da meada. Não foi difícil descobrir que ele nos chamava de volta da emoção à razão. Fez relatos, apresentou números. É sobre isto que eu quero falar. Relatou momentos da *Campanha Nacional de Alfabetização*,



Nicarágua
Fotos de Carlos Rodrigues Brandão

sobre a qual ouvimos muitos relatos e vimos um vídeo-tape que me tocou muito fundo. Cerca de cinquenta mil jovens espalhados por todo o país: de dia trabalhando com os camponeses, à tardinha ou à noite ensinando “ler-escrever-e-contar”. Não posso dizer até que ponto os resultados foram exatamente iguais aos que Carrión nos apresentava naquela tarde e nem é sobre isto que quero falar aqui. Vários camponeses alfabetizados haviam virado alfabetizadores de outros alfabetizando camponeses. Cerca de dez mil jovens estudantes continuavam ativos nas “brigadas de educación”. Carlos Carrión não fazia por menos:

“As armas e a educação são dois instrumentos explosivos que nem todos os governos podem dar a seus povos.”

Eu pensava no meu. A seguir ele comentou conosco, pausadamente, os custos atuais da continuidade do programa de educação popular na Nicarágua. O que contamos com cifras de gastos e ganhos, eles contam com mortos, quatro anos depois da vitória das forças sandinistas. Na fronteira sul e, muito mais, na fronteira norte, cento e sete jovens alfabetizadores haviam sido assassinados pelos contra-revolucionários nos últimos três anos. Mais do que aqueles que carregam fuzis, dizia Carlos Carrión, os “contra” caçam os que carregam cadernos. Eles sabem que é com um amplo programa de educação, estendido a todo o povo do país, que a hegemonia popular será consolidada. Será?

Abaixo de duas fotos de Paulo Freire, o mesmo número de *Barricada* de 4 de setembro de 1983, estampava ao lado dos depoimentos de Carrión fotos de quatro entre os cento e sete assassinados, uma moça e três rapazes: dois estudantes de economia, um de jornalismo e outro de sociologia.

Mais adiante, falando agora em inglês, ele disse aos delegados educadores dos Estados Unidos que viajassem pelo país e vissem o que se queria construir ali. É possível que, a estrangeiros e, mais ainda, a educadores, escondesse contradições e conflitos dentro da própria “obra a construir”: uma pátria libertada de um povo livre, como disse. Certamente há mais do que isto. Mas todos nós vimos ali o inverso daquilo com que convivemos em nossos países. Exagero? É possível; me toco facilmente e às vezes, confesso, só sei ser crítico quando quero, e contra quem quero. Mas é que me pareceu ver acontecendo ali aquilo que, por mais de vinte anos, educadores populares do Brasil vivemos dizendo e querendo acreditar que é um horizonte aonde podemos chegar. Cinco dias depois eu participava de um outro encontro de educadores. Agora era uma reunião pequena, detalhada e pouco afetiva, entre “especialistas” convocados pela UNESCO para pensarem rumos da educação de adultos na América Latina. Algumas críticas que costumo fazer aos aparatos de pequeno e grande tamanho da educação aqui no Brasil, eu as fiz em Cuba. Avisei antes à delegação do país que nos recebia, que falava sobre apenas cinco dias de visitas e conversas. Em um dado momento disse a eles que, em matéria de educação, havia visto na Nicarágua uma subversão da rotina e, depois, via em Cuba, uma rotinização da subversão. Os cubanos não gostaram e o dirigente do Programa de Educação de Adultos o disse educadamente. Mas, ao cabo de cinco dias de Encontro, me digeriram e me abraçaram. Quero voltar a este assunto uma vez mais ainda.

FAMINTOS FARTOS, RICOS VAZIOS: DUAS PARÁBOLAS NATALINAS

Carlos Cunha

O capítulo 16 de Lucas reúne duas parábolas acerca do bom ou mau uso do dinheiro. Ambas projetam as consequências para o fim da história particular do homem e, conseqüentemente, para o futuro dos homens.

A primeira causa espécie aos “piedosos” porque se choca com a moral convencional que respeita a propriedade dos bens sem questionar a maneira como foram conseguidos. Muitas vezes esses bens são males.

A segunda parábola ajusta-se aos “modelos” religiosos e até serve para aquietar consciências: Eles, os lázaros, podem continuar lazarentos porque, no outro lado da vida, após a morte, as posições se vão inverter. É a desforra dos fracassados. Mas, será que é simples assim?

Na verdade, ambas as parábolas animam o processo naquilo que ele tem de revolucionário, quer dizer, na sua força de contestação do status e de sua violência.

1. A primeira parábola (Lc 16.1-8) é a estória de um administrador de bens de um rico senhor. Insere-se na parábola a denúncia de uma iniquidade muito própria do Dinheiro ao qual tantos homens servem. A iniquidade está no fato de o proprietário não pagar o que devia ao administrador e, para compensá-lo, permite-lhe praticar a usura: emprestar cinquenta e oitenta do que não lhe pertencia para receber cem. O administrador podia fazer isso uma vez que não era pago pelo seu serviço. Era hábito na época e ninguém questionava essa maldade que, por si mesma, era a distorção da vontade de Deus o qual não permitia a usura nem a exploração do trabalho (Lv 25.37; Ez 18.13).

2. Na parábola se diz que o proprietário tinha conhecimentos das malandragens do administrador e, por isso, decidiu demiti-lo. Ele, esperto, chama os devedores e nem se apressa em cobrar-lhes o que deviam para receber a sua parte, o que seria de se esperar.

Ele enxerga mais longe. Não pode ir cavar a terra nem pedir esmola (16.3) então resolve abrir mão das dívidas que os outros pensavam dever ao senhor e que, de fato, deviam a ele, administrador. Age como se tirasse do dono para favorecer os clientes.

3. A atitude foi uma jogada inteligente que lhe valeu a amizade dos devedores e o louvor do administrador. Para aqueles ele os favorecia amenizando-lhes as dívidas; para este ele se apresentava generoso, abrindo mão de seu lucro. Era preciso agradar a gregos e troianos numa situação de crise. Ele o fez sabiamente.

4. Esse dinheiro era duplamente iníquo: por ser uma dívida de agiotagem e por ser resultado de um proceder irregular do rico que não paga o seu gerente e ainda o autoriza a roubar dos clientes.

5. A atitude do administrador é louvada por Jesus porque, de fato, houve uma certa conversão, deixou de servir à iniquidade para servir aos homens, fazendo justiça aos explorados já que antes ele servia ao Dinheiro (Mamon) roubando-o aos outros.

6. A segunda parábola (Lc 16.19-31) é a estória de um rico que se fartava sem levar em conta a iníqua pobreza daquele Lázaro infeliz. Jesus, o narrador, resolve contrastar com detalhes as duas situações pecaminosas. O primeiro “se vestia de púrpura e linho fino e cada dia se banqueteava com requinte” (16.19). O outro tinha por vestimenta as suas úlceras (16.20) e desejava apenas o “que caía da mesa do rico”. Não apenas não se alimen-

tava, antes servia de alimento aos cães que “vinham lambendo-lhe as feridas” (16.21).

7. Os contrastes prosseguem, mas invertidos. O pobre é levado; o rico é sepultado no inferno. Agora quem implora é o rico desgraçado. Há uma diferença: para o pobre não havia resposta; para o rico, há, mas de Abraão que acrescenta: “E, além do mais, entre vós e nós existe um grande abismo...” (16.26). O grande abismo que o rico mesmo cavou. Cavou num estágio da vida e se projeta noutro. É o mal do rico. Ele é solitário, isola-se e, por isso cava abismos.

8. Para os bons intérpretes, toda parábola tem um foco doutrinário que é a lição central. Só esta importa, os outros elementos são ocasionais e servem de moldura. Dessa forma, à guisa de conclusão, podemos ver como Jesus propõe duas lições de violência, situações de fato, e delas faz um projeto de antiviolência. Violência é o motivo-guia das duas parábolas: violência e antiviolência.

9. Na primeira o Mestre investe contra as riquezas indignas, más. Não se limita a uma posição moralista de apenas condená-las. Isso não leva a nada. Todo moralista corre dois riscos: o de não lhe darem atenção; e o de, quando lhe ocorrem chances de manipular recursos de outros, cometer os mesmos abusos. Aí estão exemplos aos montes, na vida política, de fortunas que se fizeram com negócios de tráfico de influência e até mesmo quando homens se propuseram a combater a corrupção. Fortunas que se fizeram não por falta de “profetas” do moralismo. Fizeram-se apesar deles, nas

barbas deles. Mas Jesus é o remidor de tudo e a redenção que ele propõe para o Dinheiro da iniquidade é: *fazer amigos com ele*. Dessa maneira o dinheiro da iniquidade serve para a destruição da própria iniquidade.

10. Na segunda parábola, Jesus propõe a violência da troca de situações. Há, entretanto, dois detalhes implícitos no texto que não podem ser deixados de lado. O primeiro é que a troca de posições não se apresenta exclusivamente após a morte. A expressão “seio de Abraão” é traduzida também por “reunir-se a seus pais” (Jz 2.10 e outros). Traz a carga do significado messiânico que é simultaneamente após a morte e após a derrocada da situação anterior (Mt 8.11; Jo 13.23). O segundo detalhe é que não se trata de uma simples mudança de situações. Há uma pequena diferença: o rico era solitário e continua solitário em sua desgraça; o pobre é solidário. Ao rico, o ser sepultado no inferno; ao pobre, o ser levado e reintegrado.

11. A grande violência contra os que abusam do dinheiro está em esvaziá-los e cumular de bens os famintos. E é nisto que estas duas parábolas são incrivelmente natalinas e ilustram o Cântico de Maria, o hino mais Natal que já se cantou: “Encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos” (Lc 1.53).

12. De si a encarnação já é uma violência de Deus. Isso se traduz admiravelmente na proclamação de Paulo (Fp 2.6,7): O próprio Jesus tinha a condição divina e não se apegou ciosamente ao ser igual a Deus, mas se esvaziou, assumiu a condição de servo, tomou a semelhança humana.

Violência que invadiu a nossa vil violência, violenta, violadora, voraz. Os catecismos reformados dão destaque a essa violência da ira divina na doutrina da expiação. A ira contra a miséria do pecado humano.

13. Os bem-postos, os bem-apeeados perguntarão se uma violência não vai gerar outras violências numa cadeia infinda. De modo algum: A facada que fere, deforma e mata é uma violência má. O corte profundo que faz o bisturi (também faca) recupera e salva. É assim a violência que Jesus propõe e, nesse sentido, ele não veio trazer a paz, mas a espada, pôr pai contra filho, filho contra pai (Mt 10.34,35).

14. Quero concluir voltando ao contexto de Lucas (16.16). A versão latina deste versículo é dura: “O Reino dos Céus padece violência e os violentos o raptam à força”. O processo do Reino está em curso e é violento também, pelo menos quando é imperativo restaurar a vida e a dignidade humanas.

Este Natal acontece em meio à violência em nossa Pátria e no mundo. Não desconfiam entretanto, os violentos e exploradores do homem que Natal é violência de Deus contra eles e profecia da deposição dos poderosos e exaltação dos humildes, às custas da riqueza deles e até das migalhas que eles negam.

Carlos Cunha é pastor presbiteriano, teólogo e musicista e um dos redatores da revista Tempo e Presença

CARTA DE BUENOS AIRES

Às Igrejas e Povos da América Latina

Conselho Latino-Americano de Igrejas, CLAI

Amados irmãos e irmãs no Evangelho:

Damos graças por saudá-los em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Prestes a celebrar-se o primeiro aniversário da constituição do Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI) nós, que compomos seu Comitê Executivo e o Secretariado, reunimo-nos na acolhedora cidade de Buenos Aires para refletir sobre o ministério do CLAI no tempo que passou e para projetar nossa ação, no cumprimento fiel da missão que recebemos do Senhor.

Neste ano, com a ajuda do Senhor e guiados por seu Espírito, pudemos começar a andar juntos, neste projeto de criar um lugar de encontro e de celebração para as Igrejas latino-americanas. Anima-nos o desejo de que nele possa expressar-se o ecumenismo que, na missão cotidiana que o povo realiza, ajuda-nos a superar as barreiras que nos separam, para encontrarmos na fé, no amor e na obediência a Jesus Cristo. E é isto o que nos permite superar a nossa estreiteza, para nos encontrarmos com todos os que lutam pela transformação social e humana.

ARGENTINA: MORTE E ESPERANÇA

Este é um dos momentos mais difíceis na história deste país; porém, também pleno de expectativas.

Em nossa convivência destes dias, temos constatado que se produziu uma deterioração econômica cada vez mais acelerada, com suas conseqüências pessoais e sociais, que não é senão o resultado de um sistema que implantou um estado de terror, com um custo de mortes, desaparecimentos e torturas sem precedentes, que ainda mantém um aparelho repressor ilegal.

Revela-se assim a carência de discernimento daqueles que têm em suas mãos o poder e que, em vez de servir ao povo, o devoram "como se comessem pão... não invocam ao Senhor... e envergonham... o conselho dos pobres" (Salmo 14.4,6).

Prova fidedigna disso tivemos nestes dias, quando vimos a promulgação de uma vergonhosa lei de anistia, unanimemente rejeitada, por meio da qual desejam perdoar-se a si mesmos aqueles que levam sobre suas consciências a morte de tantos seres humanos e de tantas esperanças. Consuma-se assim a burla, uma vez que desejam oferecer-se um perdão sem assumir a responsabilidade de confessar a culpa correspondente. Porém o sangue do irmão continua clamando aos céus.

Em meio a esta difícil situação, "por causa da opressão dos pobres e do gemido dos necessitados", o Senhor mostra que salva "a quem por isso suspira" (Sl 12.5).

E os sinais já se estão manifestando: podemos comprovar os efeitos de uma abertura democrática à qual se chegou pela pacífica resistência do povo e pela própria corrupção dos que detêm o poder. Devemos apreciar em tudo isto o importante lugar que coube à ação em defesa dos direitos humanos, em certos momentos uma das poucas formas visíveis de protesto e resistência, da qual foi parte o claro testemunho de muitas Igrejas.

A saudação que lhes enviamos vai, pois, com a oração ao Senhor para que ele lhes dê valor, para prosseguir mantendo uma presença e para que as expectativas de reconstrução democrática possam ver-se plenamente realizadas.

CONE SUL: A LUTA PELA VIDA

Reunimo-nos no Cone Sul de nossa América Latina, região na qual, com as diferenças que estabelecem as circunstâncias particulares, encontramos o mesmo quadro da Argentina. Isto nos convence mais e mais de que este é o resultado de uma mesma concepção econômica e política imposta pelos poderosos sobre nossos países, com o apoio das minorias antinacionais internas, justificadas pela anticristã e anti-humana doutrina da Segurança Nacional.

Mas também nestes países podemos ver a abertura de novas possibilidades, sustentada pela resistência do povo, ante a corrupção do poder.

Acompanhamos a valente ação do povo boliviano, a renovada resistência do povo chileno, a surpreendente reação do debilitado povo uruguaio, a prolongada resistência do povo brasileiro e o afogado protesto do povo paraguaio. Unimos nossas orações e comprometemos nossa ação para que se abra para estas nações uma nova esperança de reconstrução. Move-nos a esta participação o propósito de Deus — inscrito em sua criação — do direito de todo o povo à sua própria terra e à justa participação em seus frutos, para o desenvolvimento da existência plena.

AMÉRICA LATINA: UM CONTINENTE EM BUSCA DE SEU PRÓPRIO DESTINO

As palavras do salmista refletem também a situação geral da pátria maior, a América Latina: "Estou atolado em profundo lamaçal, que não dá pé; estou nas profundezas das águas e a corrente me submerge. Estou cansado de clamar, secou-se-me a garganta, os meus olhos desfalecem de tanto esperar por meu Deus" (Sl 69.2,3).

Reunimo-nos como latino-americanos, e, por isso, sonhamos com a unidade deste continente que temos herdado e sentimos dores como um único povo. Estamos particularmente afetados pela sorte da América Central, um dos objetivos principais da conquista dos poderosos.

Por isso acompanhamos a nossos irmãos centro-americanos em sua reafirmação clara e contundente de que são a fome, a exploração e postergação secular de seus povos — e não a infiltração de ideologias radicais de esquerda — a fonte dos conflitos sociais que descambaram para a guerra civil em El Salvador e para o genocídio na Guatemala. As visitas pastorais de numerosas delegações do CLAI à área confirmam os testemunhos de nossos irmãos centro-americanos, que vêem a perda de seus filhos, suas terras, colheitas e casas em meio a um holocausto no qual o povo é a vítima, com o apoio direto dos Estados Unidos, em armas, dinheiro e assessoria militar. Nas últimas semanas os fatos agravaram-se com a presença beligerante, em Honduras, de forças dos Estados Unidos, que virtualmente — e segundo o testemunho de líderes hondurenos — ocuparam o território deste país, a partir do qual se dirige a fustigação militar à Nicarágua, para defender os interesses e valores que caracterizaram a era dos Somoza. Unimo-nos em oração de intercessão ao Pai, para rogar-lhe iluminação e fortaleza de ânimo para todos os cristãos que se esforçam para conseguir o dia da justiça para os povos irmãos centro-americanos.

AS NAÇÕES DA TERRA: A LUTA PELA REIVINDICAÇÃO DO POVO

Estamos reunidos em um momento no qual os poderosos querem impor sobre todo o mundo um sistema sócio-político e econômico de dominação. Neste sentido compreendemos que nosso destino como latino-

americanos está unido ao de todos os países pobres do mundo e ao dos pobres nos próprios países ricos. Juntos sentimo-nos chamados a unir nossos esforços por implantar uma nova ordem econômica internacional em favor dos deserdados de todo o mundo. A corrida armamentista é o lógico resultado deste sistema de dominação, uma vez que este não pode se manter frente à resistência dos povos, a não ser pela força e pelo terror, pondo em perigo a paz mundial. Ainda que a mais terrível manifestação deste perigo seja a guerra nuclear, devemos estar atentos ao que parece ser um diabólico plano, de substituí-la por guerras parciais, convencionais, nas áreas mais pobres do mundo, como se a vida nestes lugares valesse menos.

O conflito entre o Norte e o Sul não é outro senão a demoníaca alternativa da confrontação entre o Leste e o Oeste, que ocasiona as próprias crises nos países mais pobres, repartindo entre eles a morte e a fome. Não nos é desconhecido o modo como os países poderosos promovem conflitos nos países e entre os países do Terceiro Mundo.

E A IGREJA?

Ante este panorama — de sombras de morte e de claridade da aurora — convidamos a todas as nossas irmãs e nossos irmãos das Igrejas deste país e todos os países da América, a que nos unamos na reflexão sobre o sentido de nossa vocação e a que ajamos de modo conseqüente.

• Frente aos que buscam o poder e para isso oprimem ao órfão, à viúva, ao estrangeiro e ao pobre, que sentido têm as palavras de Jesus Cristo de que os que pretendem governar tiranizam e oprimem, mas que “entre vós não é assim”? (Mc. 10.42,43)

• Frente ao afã de lucro, que vê o próximo como ocasião para alimentar a avareza, que significa “quem quiser ser o primeiro... será servo de todos”? (Mc.10.44)

• Em que implica para a Igreja o fato de que “o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”? (Mc 10.45).

• Que exige de nós o anúncio das Boas Novas de Jesus Cristo, de seu poder perdoador e de suas exigências de amor e de entrega pela justiça?

• Em um continente onde interesses bastardos empurram nossos povos a lutarem entre si, como temos que proclamar que Jesus Cristo é nossa paz? (Ef 2.14)

Convocamos a todas as Igrejas — e, em particular, as que integram o CLAI — a que sejam fiéis ao Evangelho, que anunciem a plenitude da vida em Jesus Cristo e denunciem as forças da morte, que aberta ou solapadamente destroem a nosso povo; que anunciem a graça perdoadora de nosso Deus e proclamem que esse mesmo Deus quer que se faça justiça ao oprimido, e que abaterá ao opressor.

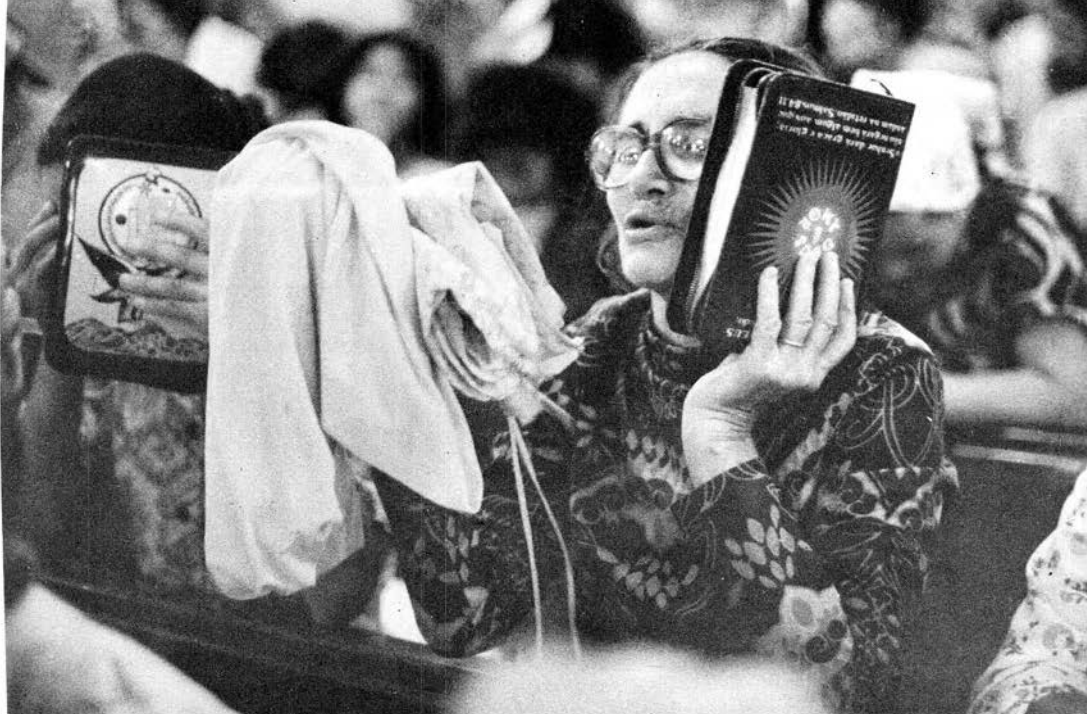
Tenham a certeza de que, nestas aspirações e no caminho da fidelidade, acompanhamo-los com nossas orações ao Pai de toda a misericórdia e com nossa ação solidária.

A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus, nosso Pai, e a comunhão do Espírito Santo seja com todos vós.

Pelo Comitê Executivo e o Secretariado do CLAI

Bispo Federico Pagura, presidente;
Rev. Gerson A. Meyer, Secretário Geral

Buenos Aires, 2 de outubro de 1983
(Trad. SMPL)



"Senhor, partilha conosco as línguas do teu Espírito, para que possamos arder de compaixão por todos os que têm fome de liberdade e humanidade..."

Ora, esta não é uma oração má, mesmo pelos padrões pentecostais. Mas o mais importante é que dessa reunião surgiu uma outra, para discutir a renovação carismática das Igrejas. Dessa vez, ela foi realizada na Suíça, em 1980, e o objetivo era esclarecer a compreensão da renovação carismática e o seu significado para as Igrejas e estudar as respostas das Igrejas à renovação carismática.

Sua finalidade ultrapassava a busca da compreensão. Os participantes procuravam um quadro fiel da renovação da fé e da obediência para a qual Cristo está chamando a sua Igreja.

Li todo o relatório e fiquei surpreso ao ver a boa compreensão que outros estão começando a ter do que vimos dizendo.

Esta é a pergunta que faço: Devemos reconhecer esse relatório? Devem nossos líderes enviar uma resposta à sua próxima reunião? Onde acharemos coragem para falar a outras pessoas que diferem de nós? Eles podem divergir na metodologia teológica e no ponto de vista básico, no entanto intitulam-se nossos irmãos e irmãs.

Quando nos separamos e nos recusamos a falar a irmãos e irmãs na cruz, mesmo se eles não a carregam como nós carregamos, pode ser que Jesus nos diga: "Tu não sabes de que espírito és, retira-te de diante de mim, Satanás. És uma ofensa para mim".

Depois que Jesus repreendeu Pedro, ele foi e alargou a sua compreensão. Disse ele: "Sofrerei, e se tu me seguires, também sofrerás; se quiseres salvar tua vida, perdê-la-ás; se quiseres perdê-la por amor de mim e do Evangelho, tu a salvarás. Por que ocupares-te e perderes tua alma — aumentando o número de fiéis, construindo grandes igrejas, formando movimentos — e abandonando o meu Evange-

lho? Se ficares embaraçado ou envergonhado de proclamar minha Palavra de libertação a essa geração adúltera e pecadora, então eu terei vergonha de ti, quando estiver na glória com todos os anjos".

ALARGAMENTO DA NOSSA COMPREENSÃO

Creio que Deus ama o movimento pentecostal. No entanto, sinto que nos está castigando porque nos ama. Mas não é um castigo de rejeição, é um castigo que visa ao alargamento da nossa compreensão.

Os pentecostais dizem que estão interessados em salvar almas. Mas às vezes ficamos tão interessados que cada um promove sua própria campanha e até competimos pelo mesmo tempo e espaço, visando a mesma clientela. Agora é tempo de ir além disso. Por que duplicar esses programas? Por que não nos reunirmos com mais frequência?

Não é necessário que cada um tenha uma cruzada, que cada um tenha um programa de rádio, que cada um faça gravações em fitas, que cada um repita as mesmas velhas coisas. Vamos ampliar. Não é só o nosso próprio reino que estamos tentando construir, mas o reino de Deus. Chegou a hora da cooperação entre os cristãos.

Pode ser que Deus precise de alguns pentecostais para levar a massa das outras Igrejas de vez em quando. Às vezes, só o fato de ter um pentecostal sentado numa igreja denominacional recorda às pessoas uma dimensão espiritual que poderia ter passado despercebida de outra maneira. Será que não estamos suficientemente repletos, não temos fogo suficiente, não temos força suficiente para irmos ao mundo todo? No entanto, como iremos ao mundo



DEUS versus CAPITA- LISMO: TERIA LUTERO APRECIADO MARX?

Per Frostin

Extraído da Revista USCF
Quarterly, Genebra, Vol. IV nº
2/3, Agosto de 1983.

“Que significa ter um deus, ou o que é Deus?”, pergunta Martinho Lutero no Grande Catecismo. Passando a responder à sua própria pergunta, diz ele: “A confiança e a fé do coração, por si sós, tanto fazem Deus quanto um ídolo... pois ambos — fé e Deus — estão intimamente ligados. Qualquer que seja, pois, a coisa à que se agarra o teu coração ... e em que confia, isso é na verdade o teu Deus”.

Se Lutero está certo, então a principal vertente do debate teológico no Ocidente, a partir do Iluminismo, baseou-se numa denominação imprópria. A principal tarefa da teologia, durante os dois últimos séculos, foi brigar com os ateus, tentando provar, de um modo ou de outro, que Deus existe. Assim, a principal batalha no campo da religião tem-se travado entre os que acreditam que existe um Deus e os que negam a sua existência.

A definição do principal problema teológico tem relevantes implicações políticas. Os marxistas criticam constantemente a tradicional crença em Deus. Seus implacáveis ataques à hipocrisia religiosa assustam os teólogos. Os capitalistas, por outro lado, ficam bastante indiferentes às discussões entre os crentes e os ateus. Por isso, muitos teólogos preferem a indiferença do capitalismo ao incômodo questionamento do marxismo.

Mas o que é Deus? Se Deus é qualquer coisa a que o “teu coração se agarra e em que confia”, então não faz muito sentido distinguir entre crentes e ateus. Todo mundo tem um deus, já que todo mundo tem um coração. Se aceitarmos a definição de Deus dada por Lutero, como eu aceito, então não devemos focalizar questões como: Você acredita que Deus existe? A religião cristã pode conciliar-se com o materialismo ateu?

QUEM É O TEU DEUS?

Devemos focalizar uma outra questão, se seguirmos a definição de Deus dada por Lutero: Quem é o teu Deus? E essa questão não é colocada apenas para os indivíduos ou para a sociedade em geral. Nós, que vivemos num sistema capitalista, poderíamos, portanto, perguntar: Quem é o Deus desse sistema? Será que o “Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 15.6) também é o deus do capitalismo? Ou será que o capitalismo tem um deus diferente?

Não é preciso dizer que essas perguntas irão romper a trégua estabelecida entre o Cristianismo e o Capitalismo. O fundamento dessa trégua era muito simples: os crentes recebiam um nicho protegido, dentro do sistema capitalista. Nesse nicho, era-lhes permitido alimentar seus sentimentos religiosos tradicionais, contanto que não questionassem os fundamentos do sistema.

A maioria dos teólogos aceitou essa trégua de bom grado. Não se preocupavam com a realidade exterior. Milhões de escravos foram capturados na África e levados para a América, em nome da civilização “cristã”. Milhares de homens, mulheres e crianças morreram no brutal processo de industrialização do mundo ocidental. Centenas de povos com ricas culturas foram exterminados nas Américas, durante o genocídio em massa, que ocorreu durante a colonização. Mas os teólogos não fizeram objeções, pois esses acontecimentos não representavam nenhuma ameaça à sua confortável posição. Estavam por demais ocupados em se defender de alguns maldosos ateus, que tentavam derrubar as paredes que protegiam o seu refúgio aconchegante. Os teólogos queriam apenas uma coisa: viver em paz no seu nicho com o seu deus minúsculo.

UMA CONTRADIÇÃO

Nessa situação, o jubileu da reforma é um acontecimento muito incômodo, especialmente para as igrejas luteranas. Certamente o Deus de Lutero não era um deus minúsculo, que pudesse esconder-se num pequeno nicho. Para ele a exigência de justiça, feita por Deus, abrangia toda a criação. E esta é uma noção que está muito fora de moda para as igrejas luteranas oficiais que, de certa forma, aceitaram o *status quo* do capitalismo atual.

Provavelmente, muitas palavras serão empregadas durante este ano jubilar de Lutero, para ocultar a contradição entre as duas noções de Deus — a de Lutero e a da teologia ocidental contemporânea. Meu objetivo neste ensaio é o oposto. É focalizar essa contradição gritante e fundamental. Não é preciso dizer que a fé de Lutero em Deus, como Criador do universo, não era singular. Durante séculos — de Tomás de Aquino a Lutero — os teólogos lutaram com grande coragem contra o capitalismo emergente. O adversário do reformador, Johann Eck, foi um dos primeiros a bater em retirada. Eck viajou à Itália a fim de buscar, na Universidade de Bolonha, uma confirmação autorizada para a sua tese audaciosa de que juro podiam ser legalmente cobrados em transações entre comerciantes. Os capitalistas

gostaram dessa nova teologia tanto quanto odeiam a teologia da libertação, hoje em dia. Nada menos que o grupo de capitalistas da grande casa de Fugger achou que valia a pena financiar a viagem de Eck, empreendida em busca de uma verdade tão lucrativa. Essa cooperação entre a teologia e o capitalismo era novidade no século XVI. Em sua crítica à renda não proveniente do trabalho, Lutero estava na mesma linha que os primeiros Padres da Igreja e os teólogos medievais.

Embora Lutero tenha tido muitos companheiros em sua luta teológica contra o capitalismo, creio que ele é de especial interesse no conflito entre Deus e o capitalismo, por duas razões. Em primeiro lugar, a teologia de Lutero é uma teo-logia (uma doutrina de Deus) de forma excepcional. Suas idéias estão resumidas adequadamente no título do livro “Deixem que Deus seja Deus”. Em segundo lugar, apesar da guerra de Lutero ao capitalismo, a Igreja Luterana de hoje não está, para dizer o mínimo, na linha de frente da luta contra o capitalismo. A dialética da teologia de Lutero foi reformulada num dualismo entre dois domínios separados da realidade, um pertencendo a Deus e outro ao capital. A dialética de Lutero entre o reino político e o espiritual serviu de base a uma crítica devastadora do ídolo Mamom. Será que se pode dizer o mesmo com relação ao dualismo entre a política e a fé no luteranismo contemporâneo? É claro que não. O dualismo legitimou um confortável silêncio sobre os crimes cometidos dentro da idolatria do capitalismo. Hoje em dia, a doutrina dos dois reinos é principalmente utilizada como uma ideologia da subserviência. A rendição contemporânea ao capitalismo pode ser ilustrada pelo conflito entre a AACC (Conselho de Igrejas de Toda a África) e a EKD (a Igreja Protestante da Alemanha Ocidental). A AACC escreveu à EKD pedindo que ela intercedesse em seu favor, pois os capitalistas alemães estavam fornecendo tecnologia nuclear ao governo do “apartheid” da África do Sul. Mas negócios são negócios e a EKD escreveu uma carta furiosa em resposta à AACC, empregando um tom que torna difícil entender como os remetentes e os destinatários possam ser considerados como membros do mesmo corpo de Cristo.

Assim, não é de estranhar que partes fundamentais da teologia de Lutero tenham sido censuradas pela Igreja Luterana, a fim de preservar a confortável trégua com o sistema capitalista. Em monografia sobre política e hermenêutica na obra de Lutero e Bultmann, tratei desse assunto com detalhes. Passo a citar apenas um exemplo.

WITTENBERG 1539

Na primavera de 1539, Wittenberg foi atingida por uma quebra nas safras agrícolas. Os cereais subiram de preço. Muitos comerciantes começaram a estocá-los, à espera de que o preço subisse ainda mais. Se antes disso o abastecimento era precário, depois tornou-se mais difícil ainda. O resultado foi o que os comerciantes de cereais tinham esperado: os preços elevaram-se desmedidamente. Os capitalistas enriqueceram. Mas para os trabalhadores de Wittenberg foi uma catástrofe. Tiveram que pedir dinheiro emprestado para comprar pão. A necessidade de contrair empréstimos aumentou e provocou a elevação da taxa de juros. O capitalismo, sob a inocente forma de capitalismo comercial, começou a avançar sobre Wittenberg e o norte da Europa — ainda se passaria muito tempo para que o capitalismo industrial surgisse no norte da Alemanha.

Como foi que Lutero, vivendo em Wittenberg, reagiu? Logo em abril de 1539, ele recorreu aos membros do Conselho Municipal, ao prefeito Lucas Cranach e ao príncipe, pedindo-lhes para que tomassem providências enérgicas a fim de impedir a fome, o aumento dos preços, a especulação e a usura. Entretanto, não houve grande melhora. Ele então escreveu “Uma exortação aos pastores para pregarem contra a usura”, um ataque aos que praticavam a usura (isto é, emprestavam dinheiro a juros).

“Um usuário é um assassino. Não é simplesmente o fato de que ele não ajuda os que têm fome, ele também rouba as migalhas da boca dos famintos, o pão que Deus e os homens piedosos deram aos que têm fome para o seu sustento. O usuário não se importa que o mundo inteiro morra de fome, contanto que ele consiga o seu dinheiro.”

DEUS OU MAMON

Como o usurário utiliza a desgraça de seus semelhantes para ganhar dinheiro, ele comete um crime contra a humanidade, diz o reformador. Essa falta de amor é o critério que caracteriza a idolatria. Os que usam o poder econômico para subjugar seus semelhantes não acreditam em Deus, mas em Mamom. Aquele que se coloca fora da comunidade da fé é um idólatra. Deve portanto ser excluído dos sacramentos e não deve ser enterrado como cristão, se não se arrepender antes de morrer.

“Se souberdes com certeza que uma pessoa é um usurário, não deveis dar-lhe comunhão nem lhe perdoar os pecados,

se ele não se arrepender de sua usura. Do contrário, sereis cúmplices de sua usura e do seu pecado, e ireis para o inferno pelo pecado de outrem... deveis deixá-lo permanecer pagão na morte e não enterrá-lo entre cristãos... Já que é um usurário e um idólatra que serve a Mamom, ele não acredita em Cristo e não pode portanto receber o perdão por seus pecados, ou ser admitido a viver na comunidade dos santos. Ele se voltou para a condenação e a danação há tanto tempo que não reconhece seu pecado e não se arrepende."

Lutero é levado a usar essa linguagem dura devido aos seus sentimentos de solidariedade com os pobres, que são os mais atingidos pelo aumento dos preços e das taxas de juros. A paixão de Lutero pela justiça nos recorda os profetas do Velho Testamento, que ele cita com frequência.

"Quem sofre primeiro quando um juro exorbitante é cobrado? É exclusivamente o pobre. Devido à vossa usura, os pobres são privados do último tostão e da última migalha, pois pela vossa usura os preços aumentam e tudo se torna absurdamente caro. Quem sofreu pela usura em Neemias 5, quando os pobres finalmente tiveram que vender a casa, as vinhas, os campos e tudo o que tinham, inclusive os filhos, para pagar aos usurários? Mesmo que os ricos possam sobreviver e pagar os preços elevados causados pela vossa usura, os pobres não conseguem fazê-lo. Mesmo com o trabalho mais árduo, o homem pobre não pode ganhar o suficiente para comprar pão para si e seus filhos, porque aumentais os preços e tornais tudo mais caro com a vossa usura."

O Reformador usa seu conhecimento de leis para fundamentar sua crítica aos usurários. Antes de se tornar monge, ele havia pensado em dedicar-se ao direito, que naquela época era um estudo abrangente de todas as ciências sociais, inclusive a economia. De um ponto de vista econômico contemporâneo, o raciocínio de Lutero é bastante primitivo, mas sua análise provavelmente está de acordo com os conhecimentos da época.

É importante lembrar que na exposição de Lutero, ele assume uma visão holística da sociedade, na qual a economia e a teologia estão intimamente ligadas. A usura é contra a Palavra de Deus e também contrária à lei. Não se engana apenas aos pobres cobrando juros, também se engana a Deus.

LUTERO E MARX

A severa condenação de Lutero ao capitalismo tem sido muito incômoda para a tradição luterana. Muitos eruditos têm tentado diluí-la. Quando uma coleção das obras de Lutero com cinquenta e seis volumes foi recentemente publicada nos Estados Unidos, "Uma exortação aos pastores para pregarem contra a usura" não foi incluída. Uma coisa é óbvia: a linguagem de Lutero é áspera e chega a ser rude, como se pode ver pelas citações, e tem causado muitas críticas ultimamente. Richard Henry Tawney, o famoso socialista cristão, educado em Rugby, mostra-se bastante chocado. A linguagem de Lutero é "sombriamente sulfurosa", afirma ele.

Mesmo Friedrich Nietzsche, que era às vezes desabrido, demonstrava repulsa pela falta de sofisticação acadêmica das obras do Reformador. Nietzsche é muito positivo a respeito da grosseria de Lutero. "O mérito de Lutero está principalmente no fato de que ele teve a coragem de assumir a sua sensualidade — então chamada muito gentilmente de liberdade evangélica". Nietzsche sente, porém, verdadeiro horror pelo caráter popular de seu compatriota. As obras de Lutero demonstram o ódio abissal dos inferiores pelos superiores, diz Nietzsche. Para ele, Lutero representava o verdadeiro espírito plebeu, no seu pior aspecto.

Alguns dos contemporâneos de Lutero fizeram contra ele o mesmo tipo de acusação. Com um deles, Erasmo de Roterdã, Lutero terçou armas num aceso debate sobre o livre arbítrio. Ambos os adversários vinham de origem humilde e Erasmo era filho ilegítimo. No entanto, adotou totalmente a linguagem da elite. Há portanto uma nítida dimensão de classe na luta entre eles. Para Erasmo, Lutero era um rude camponês com algumas idéias boas. A linguagem de Erasmo, replica Lutero, é fria como o gelo.

Outros foram mais positivos a respeito do teor revolucionário das obras de Lutero. Karl Marx é um dos poucos que levaram a sério as obras econômicas de Lutero, embora também ele criticasse o estilo grosseiro do Reformador.

Lutero é, na realidade, o economista alemão mais citado por Marx, na maioria das vezes com aprovação. Marx o chama de "o primeiro economista alemão". Em "O Capital" e em "Teorias da Mais-Valia", Marx cita Lutero página por página. Ele demonstra seu apreço principalmente por "Uma exortação aos pastores para pregarem contra a usura".



“Proletários de todo o mundo: unam-se, pelo amor de Deus”
Publicado in Der Volksmund (jornal da RDA).

Marx usa Lutero em apoio à sua crítica de Proudhon. Lutero viu o segredo do lucro capitalista já no século XVI, mas Proudhon, vivendo três séculos depois, não entendeu o capitalismo, diz Marx.

De acordo com a economia aristotélica, Lutero afirma que o trabalho é a fonte de toda riqueza. Ele segue os economistas escolásticos que diziam que o dinheiro não produz dinheiro. Mas Lutero dá um passo à frente ao analisar a natureza do lucro capitalista. Se o trabalho é a fonte de toda riqueza, então a riqueza sem trabalho deve provir da apropriação dos frutos do trabalho de outrem. Lutero tenta analisar as relações sociais que legitimam essa apropriação. Quem são os perdedores? Quem são os aproveitadores? Essas questões levam Lutero a um esboço de análise de classes. Nesse contexto, ele também amplia o alcance da usura, de modo a abranger certas práticas financeiras comuns na época. “Usura” para ele significa não só o juro excessivo, mas também a apropriação dos frutos do trabalho alheio. Desse modo, o conceito se aproxima bastante do conceito de Marx sobre a “mais-valia”, tal como ele próprio enfatiza, embora aponte as limitações e a estreiteza da análise de Lutero. Para Marx, Lutero está em pé de igualdade com “os primeiros socialistas”.

CAPITALISMO COMO IDOLATRIA

Sustento a idéia de que Lutero e Marx têm pontos de vista semelhantes, em sua análise da idolatria do capitalismo. Marx usa com frequência um termo da história da religião para explicar o capitalismo — fetichismo. Em seu significado original, fetichismo designa a adoração de um objeto produzido pelo homem. Segundo Marx, acontece algo semelhante no capitalismo. A troca de produtos é baseada em relações sociais, criadas pelo homem em determinada situação histórica, e portanto mutável. Mas na ideologia capitalista, essas relações parecem ser naturais e imutáveis. O homem fica preso à deificação de sua criação. Sintomaticamente, Marx, com frequência empregava termos teológicos para designar o capital, tais como Moloch, Mamom e Baal. O capitalismo é uma espécie de idolatria. *“Embora o devoto, ou seja, a humanidade, nunca deixe de ser o verdadeiro sujeito ativo da história, a idolatria consiste no fato de que a humanidade cria um anti-sujeito (o ídolo) que acaba dominando a própria humanidade”.* (Miranda).

Apesar dessas semelhanças, há também importantes diferenças entre Lutero e Marx. Uma dessas diferenças se deve ao fato de que Lutero viveu numa sociedade semifeudal e conheceu apenas uma forma primitiva de capitalismo. A despeito de seus esforços para analisar “Monopolia”, ele não sabia praticamente nada a respeito do capitalismo monopolista. A análise de Marx é muito mais profunda, embora também tenha, por certo, suas limitações.

Creio que, para nós, que vivemos num mundo capitalista, o marxismo é um instrumento indispensável à busca de uma resposta à pergunta fundamental: Quem é o deus do nosso sistema econômico? Todos os economistas burgueses desprezam essa pergunta, no seu zelo pragmático para fazer o sistema funcionar melhor, em vez de explicá-lo. Por outras palavras: precisamos da análise social do marxismo, para podermos fazer distinção entre Deus e ídolo numa sociedade capitalista.

Isso não significa que cristianismo e marxismo sejam idênticos, como José Miranda infelizmente tende a concluir. Ao contrário, é justamente porque o cristianismo e o marxismo são duas entidades diversas, que eles podem ser relacionados numa produtiva tensão, num “mútuo desafio à revolução” (Bonino). A contribuição marxista a essa dialética é o seu instrumento para analisar o arcabouço do nicho teológico, o contexto da teologia. A contribuição cristã é desmascarar os novos ídolos marxistas, que são

criados no processo político de legitimação dos novos padrões de opressão: o partido, a ortodoxia marxista, etc.

PRECE E POLÍTICA

A dialética entre o cristianismo e a política vem sendo uma questão fundamental no trabalho de muitos grupos da SCM na Suécia, desde os últimos anos da década de 60. Como protesto contra o dualismo teológico tradicional, emergiram duas opções alternativas, uma relação dialética e uma relação monística entre prece e política.

Algumas atividades tentaram fundir o cristianismo e o marxismo num todo indiferenciado, mas dessa forma perderam um instrumento crítico para a avaliação do trabalho político. Essa noção monística era com frequência acompanhada de uma compreensão entusiástica e um tanto romântica da política. O processo da rotina política matou muitas dessas róseas esperanças. Além disso, novos ídolos surgiram. Verificou-se que não só a linguagem cristã, mas também o vocabulário marxista podia ser usado como instrumento de oposição. Pouco a pouco, muitos monistas descobriram que os ídolos marxistas não eram melhores que os capitalistas.

Quando defendo — tal como faço aqui — uma relação dialética entre cristianismo e marxismo, essa opinião não é somente uma resultante da praxis. Ela é facilitada por aspectos específicos do luteranismo sueco.

Quando o movimento do socialismo religioso chegou à Suécia, no período entre as duas guerras mundiais, ele se fundiu com uma compreensão da doutrina de Lutero sobre os dois reinos, que estava enraizada na teologia sueca (Einar Billing, Nathan Soderblom, etc...). Os socialistas cristãos, na Suécia, recusavam-se a defender um tipo religioso específico de socialismo. Afirmavam que era uma vocação cristã participar da atividade política em bases seculares.

Quando se formou uma união de socialistas cristãos em 1926, ela foi estruturada como organização integrante do Partido Trabalhista da Suécia, sob o nome de Movimento de Fraternidade. Esse Movimento se considerava o “grupo dos que oram dentro do partido”. Na prática, isso veio a significar que os membros participam dos trabalhos normais do partido em pé de igualdade com pessoas de outras crenças. O Movimento de Fraternidade já elaborou um bom número de plataformas políticas sobre justiça econômica internacional, justiça e bem-estar social, meios de

comunicação de massa, tóxicos, energia, etc. Suas exigências e argumentos políticos específicos baseiam-se numa compreensão secular do socialismo, mas são claramente inspirados por uma visão cristã da justiça. O Movimento de Fraternidade, juntamente com outras organizações filiadas (sindicatos, organizações de jovens) tem contribuído para a renovação e a radicalização do Partido Trabalhista (embora ainda haja muito a fazer a esse respeito).

O que desejo frisar é o seguinte: a relação dialética entre o cristianismo e o marxismo, que é defendida por alguns membros da SCM sueca e do Movimento de Fraternidade, também é inspirada pela doutrina de Lutero sobre os dois reinos (ou “regimentos”, como muitos suecos gostam de chamá-los). Embora a principal corrente do luteranismo na Suécia seja uma velha mistura de nostalgia neofeudal e individualismo pequeno-burguês, existe também uma linha radical. A fim de entender o lugar dessa linha radical dentro da “Wirkungsgeschichte” (história da eficácia) luterana, é importante lembrar uma dimensão esquecida da doutrina de Lutero sobre a justificação: o uso político da lei.

O USO POLÍTICO DA LEI

Por que Lutero trata de questões econômicas em “Uma exortação aos pastores para pregarem contra a usura?” Ele enfatiza que é dever do pastor tratar desses problemas econômicos em sua pregação, embora eles pertençam à área de competência dos advogados.

“Esses assuntos são legais e os advogados devem ensiná-los. Mas os advogados não são pregadores e seus conhecimentos permanecem mortos e enterrados nos livros, e não repercutem entre as pessoas comuns. Nós, pregadores, devemos portanto falar e exortar sobre esses assuntos, se não quisermos ser antinômicos e, juntamente com o mundo, ir para o inferno por causa dos pecados dos outros. Mesmo que os advogados não sejam perdoados.”

Por outras palavras, é obviamente dever dos sociólogos, economistas e outros especialistas expor as injustiças da sociedade. Mas se falharem, a Igreja não deve permanecer em silêncio. A formação da opinião política não é um “hobby” extravagante, ao qual os pastores podem dedicar seu tempo livre, se quiserem.

A boa nova da salvação em Jesus Cristo seria truncada, se os cristãos ignorassem a luta pela justiça política. Isso não significa que salvação seja a mesma coisa que justiça polí-

tica. Na teologia de Lutero, há uma relação dialética entre a lei e o Evangelho. A lei e o Evangelho só podem ser compreendidos um em relação ao outro. Portanto precisamos do "usus politicus" — o uso político da lei — por causa do Evangelho.

Já no tempo de Lutero, havia cristãos que achavam que o uso político da lei nada tinha a ver com a Igreja; eram os chamados "antinômicos" (do grego "anti" — contra e "nomos" — lei). Os que se omitem na luta política contra os usurários tornam-se, na prática, antinômicos, afirma Lutero.

A ESCRAVIDÃO CAPITALISTA DA IGREJA

Alguns estudiosos (como Gustaf Wingren, por exemplo) afirmam que uma interpretação de Lutero que dê atenção ao uso político da lei precisaria de uma total "metanóia" (arrependimento) do luteranismo. Também sou da mesma opinião. Por isso, pergunto: Quem é o deus da Igreja ocidental? Será que ela serve ao verdadeiro Deus ou a um ídolo?

A justiça é o critério fundamental, quando se trata de distinguir entre o verdadeiro Deus e os ídolos. A injustiça é uma prova evidente da adoração de ídolos. A justiça e a fé no verdadeiro Deus caminham juntas. Essas perguntas poderiam ser reformuladas da seguinte maneira: Será que a Igreja do Primeiro Mundo serve à justiça universal? A resposta a essa importante pergunta não pode ser encontrada dentro do estreito âmbito da religião. Devemos analisar o papel da Igreja dentro do sistema capitalista, ouvindo o grito dos oprimidos.

Passo a considerar agora, em breves palavras, os exemplos seguintes: a miséria do mundo e o racismo.

É sabido, mas quase sempre esquecido, que a terrível miséria do mundo é gerada dentro do sistema capitalista. A riqueza desse sistema é inacreditável. Em vinte e cinco anos (1948-1973), a produtividade da indústria mundial triplicou. Durante esse quarto de século, produziram-se mais artigos de consumo do que durante todos os séculos anteriores da história da humanidade. Entretanto, um bilhão de pessoas ainda vivem em condições de penúria jamais existentes, antes do advento do capitalismo. A contradição entre a riqueza da metrópole capitalista e a pobreza da sua periferia exige que perguntemos à igreja da metrópole: Quem é o teu deus?

Existe uma contradição semelhante na relação entre o mundo ocidental e a África do Sul. A maioria dos ocidentais rejeita o "apartheid" como uma ideologia opressora. Entretanto, cinquenta por cento de todos os investimentos na África são feitos em um único país, a África do Sul do "apartheid". Hoje em dia, a África do Sul é um "posto avançado do capitalismo monopolista" (Seidman). Isso significa que as nações ocidentais poderiam impedir o "apartheid", se ao menos estivessem dispostas a pagar o preço. Tal como no conflito entre a AACC e a EKD, a escolha é: lucro ou justiça.

UMA ESPIRITUALIDADE PÓS-CAPITALISTA

Hoje em dia, a Igreja Ocidental enfrenta uma profunda crise espiritual, às vezes chamada de "secularização". Não são poucos os que atribuem a causa da crise ao "homem moderno", por ter perdido o interesse pelos deuses. Partindo da definição de Deus dada por Lutero, explicarei o problema de modo totalmente diferente: o Deus e Pai de Jesus Cristo foi destronado por Mamom no sistema capitalista. A causa fundamental da crise espiritual no Ocidente onde, conseqüentemente, ser explicada pelas palavras de Jesus: "Não podeis servir a Deus e a Mamom ao mesmo tempo."

O comentário de Aloysius Pieri sobre a Ásia também se aplica à minha própria pátria, a Suécia: "Na verdade, nenhuma perseguição religiosa, sob um regime marxista, pode ser comparada à corrosão insidiosa dos valores religiosos que a tecnocracia capitalista produz em nossas culturas." O capitalismo é a principal ameaça à espiritualidade cristã, não só no Terceiro Mundo mas também no Primeiro. O capitalismo deve, portanto, ser compreendido não só como um sistema econômico, mas também como um modo de vida. A ganância capitalista marca não só as decisões dos homens de negócios como também todos os outros setores da sociedade: a sexualidade, o lazer e a espiritualidade.

Uma espiritualidade pós-capitalista é uma espiritualidade livre de qualquer espécie de ganância, seja ela econômica, religiosa ou moral. A ênfase de Lutero na justificação, pela fé pode ser interpretada como uma doutrina de libertação da ganância religiosa e moral. Na busca do silêncio e da passividade "coram Deo" (face a face com Deus), Lutero tem algo a ensinar-nos, mesmo nos dias que correm.

Entretanto, é importante ver a diferença entre uma sociedade pré-capitalista e uma sociedade pós-capitalista, embora ambas possam ser chamadas de não-capitalistas. Mencionarei apenas um exemplo dessa diferença, a saber, aquele entre a hierarquia feudal e a igualdade socialista.

Lutero é bastante autoritário em sua ética social, o que não é de estranhar, pois viveu numa sociedade quase feudal. Mas nós que vivemos hoje em dia no Primeiro Mundo, precisamos de uma espiritualidade consciente a fim de descobrir que os "miseráveis da terra" (Fanon) são nossos irmãos. Devemos aprender a olhar a economia mundial com os seus olhos, "do lado inferior da história", se quisermos distinguir Deus dos ídolos.

Esse ponto foi ressaltado no diálogo entre Teólogos do Primeiro e do Terceiro Mundo, em Genebra, no corrente ano: *"Estamos presenciando, em nossa época, a mesma escolha com que se defrontaram os povos bíblicos entre a obediência aos falsos deuses e a fidelidade ao verdadeiro Deus (Êx. 32. 1-10; Sl 78.52-63; Ex 6.3-7). Ao contrário dos deuses do sistema, o verdadeiro Deus não é revelado aos que ocupam o trono do poder e da riqueza, mas aos menos valorizados de acordo com os cânones de respeitabilidade vigentes — as vítimas, os que não têm voz, os que não têm poder, os que estão do lado inferior da história"* (Mt 25).

Por outras palavras, se os cristãos seguirem uma ética feudal hoje em dia, eles se desviarão, porque não conseguirão discernir a idolatria na ordem mundial existente. Podemos aprender muito com Lutero sobre Deus e idolatria, como tentei mostrar neste ensaio, mas quanto à necessidade de reciprocidade e igualdade entre as pessoas, ele é um mau professor.

Há muito tempo Lutero vem sendo tratado pelos luteranos como um papa infalível ou um semideus. Suas idéias feudais são repetidas fora do contexto com uma frequência excessiva. Tal compreensão de Lutero se assenta num grande mal-entendido. Lutero nunca quis ser um deus. Ele foi apenas membro de uma família de muitos irmãos, dedicada a uma única tarefa: testemunhar o verdadeiro Deus.

Per Frostin, ex-presidente do SCM da Suécia, é atualmente professor de teologia da Universidade de Lund, na Suécia.

